



Juan de Andrade Carvajal

## JOÃO D'ANDRADE CORVO

Je sortais de l'enfance, je naissais à la pensée,  
j'étais de sang royaliste.

LAMARTINE : *Hist. de la Restauration.*

### I

João d'Andrade Corvo nasceu em Torres Novas a 30 de Janeiro de 1824. Uma biographia em regra, academica, derivada de boas fontes (como diria um biographo de profissão) faria aqui o elogio historico da humilde villa natal do nosso amigo, juntar-lhe-ia a lista geral dos varões prestantes que a illustraram, e cairia da pompa das suas archeologicas investigações dando por extenso aos leitores a certidão authentica de baptismo do illustre professor da Escola Polytechnica.

O nosso empenho é mais modesto. O leitor que desejar saber quaes foram os brinquedos infantís d'Andrade Corvo, que sorriso melancolico o denunciou poeta logo ao sair do berço, que flor da campina lhe mereceu os primeiros affectos, ou que estrella do ceu lhe conquistou o primeiro olhar amoroso, engana-se redondamente. João d'Andrade Corvo é um homem serio que não inventa impressões retrospectivas, nós, um humilde biographo que não sabemos improvisar chimeras, nem devassar a innocencia da infancia com a buenadicha cigana de officiosas conjecturas.

O desenlace da nossa triste lucta civil, em 1834, veio encontrar Andrade Corvo ainda em Torres Novas, na companhia de seu pae, antigo official de cavallaria ao serviço das idéas rea-

listas. É d'esta época de luctos, de vinganças e de ruins paixões, época egual ás de todos os paizes que se reconstruem, que restam ainda hoje no animo d'Andrade Corvo as primeiras impressões da infancia. O lar domestico, até alli tranquillo e descuidado, é-lhe testemunha da violencia e desvairamento do partido que ainda então era o vencedor. Crente no abrigo, tido por seguro da casa de um realista, a ella se acolhe um pobre constitucional acoçado pela furia partidaria de uns milicianos. As portas que sobre o fugitivo se fecharam, são arrombadas; invadido o sanctuario da familia; escarnecidas as leis da hospitalidade! O perseguido póde evadir-se, mas as suas supplicas e as suas lagrimas ficam para sempre gravadas na memoria d'Andrade Corvo como um protesto contra a exaltação e ebriedade das facções. «É desde esse dia (confessa ingenuamente Andrade Corvo, nos apontamentos que fez o favor de nós confiar) que nasceu no meu espirito um odio invencivel para as violencias politicas, e uma antipathia violenta contra o partido de D. Miguel, a que pertencia a minha familia toda.»

Qual de nós, filho d'este seculo de lucta, de movimento, de revoluções, de catastrophes, de sonhos e de utopias, não conserva no espirito uma saudade ou uma antipathia, uma esperanza ou uma recordação dos tempos que passaram? A historia contemporanea não existe já, segundo a phrase arrojada de Lamartine. Os acontecimentos precipitam-se de tal maneira, que os homens e as coisás somem-se na voragem geral, deixando só no animo do observador as fugitivas impressões que precederam ou seguiram o triumpho das grandes idéas.

Dias depois da scena que acima acabamos de narrar, entrava em Torres Novas a divisão commandada pelo marquez de Saldanha, e o pae d'Andrade Corvo partia á frente da cavallaria de Chaves a reunir-se em Santarem ao grosso das forças do exercito realista, não sem primeiro ter tentado a sorte das armas, batendo-se braço a braço nas ruas de Torres Novas com os lanceiros da divisão constitucional. Pela cortesia cavalheirosa inata no coração do soldado, poudes a mãe d'Andrade Corvo ouvir da propria boca dos vencedores a narração da peleja, e a certesa, consoladora para uma esposa, de que a morte não viera enlutar o berço de seu filho unico!

## II

A convenção d'Evora-Monte, pondo termo á guerra civil, trouxe para Lisboa toda a familia d'Andrade Corvo, e este para a com-

panhia do general Nuno Augusto de Brito Taborda, irmão de sua mãe, que se encarregou bondosamente da sua educação.

A este tempo Andrade Corvo sabia apenas ler, e era um horror em calligraphia, prenda que tem conservado até hoje, como prova para me não deixar mentiroso a assignatura que acompanha o seu retrato, e que, seja dito sem maldade, foi para elle um esforço de apuro, um heroismo de vaidade offendida, porque o nosso polytechnico não é dos que tomam a ruim lettra como indicio de uma capacidade superior.

Foi pois guiado por seu tio que Andrade Corvo seguiu os cursos de instrucção secundaria, e mais tarde os das escolas espezias. É a elle, exclusivamente a elle, que o nosso amigo deve a sua actual e brilhante posição no magisterio, e os bons creditos que possui de homem de letras talentoso, e de cultor das sciencias activo, sagaz e util, rara esta ultima qualidade nos sabios da nossa terra, que rolam como uns ouriços por cima do thesouro publico, trazendo em cada espinho uma commissão rendosa para si mas desaproveitada para o paiz que os vê medrar em honras e em inercia tambem.

É d'este tio que Andrade Corvo nos deu nos seus apontamentos o seguinte retrato, mais eloquente na desaffectedada simplicidade da gratidão que o inspira, que as phrases procuradas por nós para encarecer o serviço por elle indirectamente prestado ás letras, na direcção paternal dada aos estudos e ás inclinações litterarias de seu sobrinho.

Ouçamol-o a elle :

«Meu tio é um antigo militar, instruido, que ama as letras e as artes, que comprehende e sympathisa com todas as manifestações da civilisação, e tem em alto apreço todas as produções da intelligencia. Sendo ainda muito novo foi para o «Brazil na qualidade de ajudante de ordens do conde de Villa-«Flor, depois duque da Terceira, nomeado capitão-general; ahi «se estreitou a amisade entre meu tio e o duque, amisade que «nunca mais esqueceu nem a um nem a outro. Voltando do Bra-«zil, aonde subira em postos, obteve ainda muito novo o com-«mando de um regimento. Ligado ao partido de D. Miguel, elle «não fez senão mostrar sempre um espirito superior ás ruins «paixões da politica. Servindo como militar obediente no exer-«cito realista, o seu animo esteve sempre ligado ás unicas idéas «nobres que podem guiar a humanidade—ás idéas de liberdade «e de progresso. Quando aquella cegueira que a Providencia in-«flige aos partidos reaccionarios, na hora em que os quer anni-«quillar, arrastava o partido de D. Miguel a irremediavel ruina;

«quando já a continuação da guerra não era mais de que um «esteril sacrificio de sangue, meu tio embainhou a espada, e «confiando-se da velha amisade do duque da Terceira, veio para «Lisboa. Desde essa época meu tio tem-se constantemente con- «servado afastado de todas as coisas publicas; mas o seu spi- «rito acompanha com a mais viva sympathia as vicissitudes da «civilisação e da liberdade em Portugal.»

«Foi elle quem me deu as primeiras lições de latim, e que me «ensinou o francez. A musica, arte porque meu tio tinha uma «verdadeira paixão, foi tambem elle que m'a ensinou.»

Um tal sr. Pereira, que a lettra redonda commemora hoje pela primeira vez, especie de Quasimodo nobilitado em pianista, fôra quem iniciára Andrade Corvo nos rudimentos da arte musical, estortegando sem piedade, mas com um enthusiasmo apollineo, as teclas pacientes de um humilde piano de cinco oitavas. Felizmente o tio d'Andrade Corvo accudiu ainda a tempo para reparar no ouvido do sobrinho os estragos produzidos pelos extasis lyricos do velho mestre de capella. Feita esta justiça posthuma á memoria do sr. Pereira passemos adiante.

Os estudos preparatorios d'Andrade Corvo foram, como elle proprio confessa, feitos com irregularidade, e até não confiando demasiado a sua familia nos seus futuros progressos. Eu de mim creio, se me é licito conjecturar em coisas serias, que era ainda a sombra do mestre de capella que agourentava os primeiros estudos do nosso amigo. O homem andava de certo raivado lá pelas areias gordas por não ter dado cabo de uma organisação privilegiada. Só assim se póde explicar a doença que o proprio Corvo qualifica de *pasmaceira melancholica*, e que entrou com elle quasi pela adolescencia, trazendo-o dias inteiros tão alheio das coisas da sua idade, como mestre Pereira andava das da sua profissão.

Fosse como fosse, o que é certo é que o mau-olhado do pianista teve fim, e que Andrade Corvo passou a aperfeiçoar-se no latim com um velho professor chamado Aragão, homem que escrevia dramas com a mesma profusão com que uma delambida de terceiro andar escreve cartas de namoro. O repertorio dramatico do poeta Aragão (felizmente inedito na sua quasi totalidade) era de pedir meças em numero ao de Lopo de la Vega, o que não impedia que o homem soubesse soffrivelmente o seu latim, e chorasse, como uma boa alma que era, ao ler as ternuras pastoris de uma ecloga de Virgilio. As lições de latim do inoffensivo pedagogo terminavam sempre pela leitura de um soneto de lavra propria, que Andrade Corvo aguentava com a resi-

gnação paciente com que um christão novo ouvia uma predica de caridade nos carcerees do Santo Officio.

Em S. João Nepomuceno passou Andrade Corvo a aprender philosophia com o distincto professor Xavier, de que todos os seus discipulos guardam ainda hoje grata e veneranda memoria. A uma bonomia verdadeiramente paterna, juntava o professor Xavier um methodo de ensino ao alcance das verdes intelligencias dos seus ouvintes, e apesar de ser um encyclopedista de lei, a consciencia dos seus deveres professionaes moderava-lhe sempre o impeto da palavra, e o desabafo irreflectido das proprias crenças.

No collegio militar tive eu n'este mesmo anno por condiscipulo a Andrade Corvo na aula de inglez, de que bom era me lembrassem hoje tanto as lições como me recordo das grozas de palmatoadas com que me mimoseou o *spleen* chronico do meu casmurro mestre. Preso no tempo de D. Miguel pelo innocente passatempo de corrector de proclamações liberaes, o nosso inglez esteve vae não vae a despedir-se d'este mundo com uma sova monumental dada por uns caceteiros, que não quizeram saber da nacionalidade do audacioso contraventor das ordens da policia. Se o governo constitucional não triumphava tão cedo teriamos que pagar alguns centos de libras esterlinas pelas aruinadas costellas do meu perseguidor. A jurisprudencia do nosso inglez não passava da pena de Talião, tinha sido zurzido, zurzia tambem sem piedade. Não sei o que Andrade Corvo aprendeu com elle, eu nem o nome do meu carrasco sei escrever. Recordo-me que tinha uns poucos de ww o nome d'elle, mas confesso com ingenuidade que os não sei harmonisar com as duas unicas vogaes que espavoridas se viam prisioneiras d'um batalhão de consoantes. O pouco grego que em Portugal se ensinava teve d'elle lições Andrade Corvo com o excentrico Coito, uma das muitas victimas que saiu retalhada do açoite arrieiral do padre José Agostinho de Macedo.

Nunca as mãos doam a quem tantos pedantes escorraçou no seu tempo! O nosso Lacedemonio, chamo-lhe assim pelo que elle era parco.... de idéas, se Aristhophanes o pilha a geito atirava com elle á gargalhada publica n'alguma d'aquellas desabridas comedias de que nem Socrates escapou. O grego do nosso homem estava (dizem os que o conheceram) mais no seu portuguez que no proprio grego, e só assim se explica o ter-se refugiado toda a sciencia que em Portugal existe d'esta lingua n'alguma nota engoiada de um ou outro fazedor de estudos archeologicos.

É de crer que Andrade Corvo fosse um ruim discipulo de

mestre Coito pelo desafrontado que falla ainda hoje a lingua patria.

## III

Aos 15 annos entrou o nosso amigo para a escola polytechnica tendo por condiscipulos os srs. Latino Coelho, Fradesso da Silveira, José Horta, e o intelligente conde d'Almoster, filho do marechal Saldanha, que a morte roubou tão cedo ás sciencias de que era zeloso cultor, e á patria que mais tarde devia e podia illustrar, auxiliado pelo seu nome e posição social.

Já senhor de si e estimulado por tão boa camaradagem, Andrade Corvo sentio-se outro nos bancos das novas escolas que se dispunha cursar, com a vontade inflexivel que nunca desde então deixou de empregar em todos os labores do espirito, e em todos os trabalhos da vida pratica. Premiado durante cinco annos em todas as cadeiras de sciencias naturaes, Andrade Corvo mostrou desde logo que mais quadravam á sua poetica organisação os amorosos estudos que teem por attractivo os esplendidos mysterios da divindade, revellados em parte ao homem pelo espectáculo grandioso dos céus, e pela sabia harmonia dos seres creados, do que as prosaicas locubrações do calculo differencial, a que o brilhante e paradoxal espirito de Latino Coelho ousou chamar o supremo deleite da intelligencia humana.

Que tem que ver um inigmatico x com as petalas de uma rosa, ou a raiz quadrada de um numero com os milhões de avesinhas matisadas que gorgeiam no espaço o hymno eterno da criação? De que prestam as pautadas deducções de trigometria a par d'este irresistivel enlevo que nos attrahe para a mystica contemplação da natureza, e nos faz subir nas asas da fé ao ideal da terrestre sabedoria — o convencimento de um arbitro supremo do mundo?

Perdõe-nos o nosso brincalhão amigo Latino Coelho, Laplace é um genio, Newton um gigante, mas Deus é Deus, desculpe-nos a sua boa critica esta phrase que cheira ao alkoran, e vale mais estudal-o a elle nas suas obras immorredoiras, do que consumir uma arroba de giz no preto de uma ardosia em procura de uma letra do alphabeto que qualquer creança acha brincando na cartilha do mestre Ignacio.

Andrade Corvo soube tambem tirar-se com applauso de mestres e condiscipulos dos invios sertões das mathematicas puras. Não obteve premios é verdade como nas sciencias suas predilectas, mas foi um estudante muito acima do vulgar, dobrando sem esforço a imaginação á aridez dos compendios escolares, e mettendo o arado laborioso pelas urzes e restolhos de Duhamel e Delaunay.

Completados estes bons e solidos estudos concorreu á substituição da cadeira de botanica, regida então pelo mellifluo mas intelligente professor José Maria Grande, isto na mesma época em que Latino Coelho obtinha a cadeira de geologia, e Fradesso da Silveira a de physica na Escola Polytechnica. Andrade Corvo tinha apenas então vinte annos completos.

Foi já official do exercito, e lente da primeira escola superior do nosso paiz, que Andrade Corvo deu pelos sorrisos travessos da Musa que devia inspirar-lhe os primeiros cantos amorosos. O amor é capaz de inspirar poetas até emboscado por detraz de umas taboas de logarithmos, e foi, por felicidade das letras, exactamente o que aconteceu ao nosso amigo. A discrição não nos permittio indagar os encantos da anonyma Beatriz, mas é de crer que Venus se não affrontasse com a rival, attendendo a que as espumas dos nossos mares não são das mais ferleis em productos acabados do genero da deusa que fez virar o miolo a mais de um immortal. O proloquio popular quem feio ama bonito lhe parece, tem, ia-mos jural-o aqui, ainda mais verdade para os poetas que para o commum dos amadores.

Que seria das Lauras, das Leonores, das Natercias, das Mari-lhas, das Sophias e tantas outras diante de quem a posteridade ainda hoje se desbarreta, se a photographia, a inimiga capital do embuste, existisse já no tempo de Petrarca, de Tasso, de Camões, de Gonzaga e de Mirabeau? O pintor não pôde amar mentindo ao publico, nem á consciencia do bello que o inspirou. Os traços indeleveis do pincel ficariam bradando de seculo em seculo contra o máu gosto do immortal Rafael, se a Fornarina do seu grande coração de artista, não fosse ainda hoje para nós o typo acabado de todas as Fornarinas que occupam as insomnias e as alvoradas de todas as imaginações febrís, de todas as almas escolhidas que sabem prestar o obulo da admiração ao culto santificado da mulher.

Os poetas esses, coitados, illudidos pela enganosa miragem do enthusiasmo, tiram de si, como o pelicano, o sangue que os extenua martyres aos pés do vaporoso inigma que momentaneamente os levantou acima do vulgacho, dando-lhes com a crença do amor a certeza da immortalidade!

Seja, ou não, providencial esta sina, tenha ou não tenha ella para o nosso caso as grandiosas proporções que a historia assigna a tantos suicidas da propria felicidade, o facto é que foi um amor, ou se querem antes um namoro (um abysmo separa as duas coisas) que fez Andrade Corvo poeta.

Um livro facil, ameno, triste, mas d'esta tristeza que sorri,



como a creança chora, quasi que sem causa, foi o resultado d'esta primeira attracção, que Fourier honraria n'uma classificação qualquer dos seus phalansterios, n'um gráo mais ou menos pudibundo para os ouvidos delicados das leitoras d'esta Revista.

O que ha de positivo em tudo isto é terem os primeiros ensaios poeticos de Andrade Corvo merecido a honra dos conselhos e emendas d'Almeida Garrett, homem que na phrase popular não costumava despender cêra com ruins defuntos. A esta primeira animação, vinda da parte de tão competente juiz, aguilhoou ainda os naturaes instinctos de Andrade Corvo, a existencia de uma associação atrevida de rapazes, denominada Sociedade Escolastico Phylomatica, de que por muito tempo fizeram parte Rebello da Silva, Thomaz de Carvalho, Daniel Augusto da Silva, Latino Coelho, Lobo d'Avila, Silva Tullio, Mendes Leal, Lopes de Mendonça, Ribeiro de Sá, e muitos outros que não lograram, porque a morte os ceifou em flôr, verem-se atheletas no circo em que haviam entrado como simples curiosos.

Não somos velhos, e já temos que lastimar a fé perdida nas coisas que ainda agora se nos affiguram passadas de hontem! Por nosso presidente honorario (eu era tambem dos Athenienses de 1844) o cardeal patriarcha Frei Francisco de S. Luiz! Por nossos associados honorarios Garrett, Castilho, Herculano, Silvestre Pinheiro, Visconde de Santarem e Sá da Bandeira!

E não pensem os praguentos que estes homens desdenhavam ouvir-nos, não. Tudo passava ali pela fieira das nossas audaciosas polemicas, desde as mais altas questões economicas, até aos mais difficeis problemas moraes da nossa época. Que de criancices, de illusões, de amores, por tudo que a politica veio mais tarde esmagar no inglorio embate de mesquinhos interesses, e de mentirosas propagandas!

N'aquelle tempo um discurso de qualquer de nós era um acontecimento notavel do dia, como hoje um boato de união iberica, um processo de moeda falsa, ou a commenda atirada á casa de um negreiro nobilitado.

Os honrados logistas dos arruamentos eram nossos de corpo e alma. Os abrimentos de boca de um algibebe denunciava-nos a hora do chá do honrado burguez, e a sahida estrepitosa de um ourives das salas das sessões, as badaladas da meia noite a cairem por instantes no proximo relógio da Magdalena. E nós com os nossos discursos; as nossas guerras do alecrim e da mangerona; a nossa felicissima incuria do dia de amanhã!

De lá trouxe tambem Andrade Corvo desejos e estimulos. A sociedade tinha um semanario seu, intitulado o *Cosmorama*, en-

cher-lhe as oito paginas era um dever de honra, um empenho de todos os associados; foi n'elle, ao mesmo tempo que n'outro semanario illustrado com lithographias de Sendim, que o nosso poeta se atirou á voragem da imprensa, publicando dois pequenos romances que elle hoje se ufana de ter esquecido até os titulos.

Almeida Garrett, e logo em seguida Mendes Leal, acabavam de triumphar no velho pardieiro da rua dos Condes, um com o seu *Auto de Gil Vicente*; o outro com a maior ovação scenica dos nossos dias *Os Renegados*.

A occasião era tentadora. Andrade Corvo sente-a, deixa as plangentes lastimas do lyrismo, e escreve o seu primeiro drama intitulado *D. Maria Telles*, que Alexandre Herculano festeja n'um magnifico artigo publicado no jornal do conservatorio, e o publico sanciona da platéa, honrando na obra do dramaturgo a voz auctorizada do critico. *D. Maria Telles*, como todas as peças d'aquella época, em que Victor Hugo dava o santo e a senha em coisas de theatro, é um drama da escola romantica, em que o punhal entra por incidente, e o veneno prolonga para agrado publico as agonias das victimas. Lembro-me de ter assistido á primeira representação, e de ver os mortos cairem no ultimo acto, como peras sasonadas. Entre os escolhidos d'esta carnificina romantica, nunca mais se me varreu da memoria uma actriz, pelo nome não perca ella, que, ferida de morte nos bastidores, entrava em scena esvoaçando no ar um punhado de lã vermelha que o contra-regra lhe pregára á pressa no seio, para illusão do publico, e convite de horror contra o tyranno da peça.

A parte estas excentricidades, a que nenhum auctor dramatico quiz então esquivar-se, *D. Maria Telles* é um drama historicamente bem combinado, escripto com todo o vigor da mocidade, e feito calculadamente para um publico que não ia para casa ceiar com gosto, se lhe não amostardavam no theatro a comedia com duas mortes violentas e um sentenciado legal.

Por esse mesmo tempo, e cursando ainda a Escola do Exercito, aonde tambem foi premiado, começou Andrade Corvo a escrever um poema dramatico e fantastico intitulado *D. Gil*, hoje completo, mas que o auctor receia, apesar do amor que confessa ter-lhe, atirar á critica enxovalhada que se faz por ahi a tudo que sai do vulgar, com pasmo de meia duzia de basbaques, que, quando não dormem elles, tem o condão de adormecer os outros. Um poema da familia do *Fausto* ou do *Manfredo*, audacioso, symbolico, methaphysico, seria hoje, na alluvião de quadras chilras que por ahi se imprimem, uma verdadeira novida-

de, e como tal empenhamos o auctor a não o deixar por mais tempo condemnado á exclusão da vida publica.

A exaggeração do preceito Horaciano dá a caducidade do fructo antes do tempo proprio da colheita.

#### IV

São chegados os tempos. De ruim seiva é a arvore que se não deixou baloiçar por todos os zephiros, que não tomou parte, brincando, em todos os festivos murmurios da natureza, que com as suas folhas, desprendidas ao acaso, não tapetou as sendas que devem pizar os pés descuidosos da virgem. Homem, chegando á idade madura, que ao lançar atraz de si os olhos encontra a vida uniforme, pautada, erma de paixões, é, ou um santo por quem o calendario espera, ou um coração paralytico, morto para todas as sensações moraes, fechado para sempre a todos os intuitos do grande e do bello. Contem-nos embora a tranquillidade de Racine e de Lafontaine, a antiguidade protesta em nome de Anacreonte e de Ovidio, a Italia em nome de Dante, a actualidade em nome... de todos os seus escriptores, contra a perpetua bonança, contra o ceu nunca anuviado das existencias privilegiadas. Que perdão ha de saber o velho dispensar ao adolescente, que balsamo ha de a idade propecta applicar ás feridas de um espirito doente, se o mundo foi sempre para o medico um açafate de flores virentes e perfumadas? O preceito do legislador do Parnazo romano tem applicação directa ás coisas da vida social «se queres fazer-me chorar, chora tu tambem primeiro.» Apostolo que não levontou com as sandalias o pó de muitas miserias, mal poderá inspirar aos seus neophitos a fé ardente das grandes doutrinas, as previsões desassombradas do futuro.

Perdoe-nos o leitor esta digressão, esta capa de velhaco de que usei (se não abusei tambem) para lhe dizer que Andrade Corvo foi, aos vinte e um annos, o que os pedantes chrismam de leviano, entalados elles, os archontes! entre a nullidade que os devora, e a pedagogia que os apalhaça.

Leviano o rapaz que sente e ama! Doido o homem que quebra no festim a taça que lhe inspirou o brinde á deusa ignota a todos os mais convivas! Injuriem, se querem injuriar alguem, o usurario que lhe cõa na mão febril os minguados ceifis do agio, ou a Aspasia que lhe sorri mentirosa á credulidade dos poucos annos, mas deixem em paz folgar a mocidade, flor que ha de dar fructo, se a não derribar o vento da calumnia.

Andrade Corvo passou rapidamente por este periodo da vida

obrigado de rapaz mas sem levantar mão dos seus estudos litterarios, accrescentando algumas scenas, eccos intimos das proprias impressões, ao seu poema *D. Gil*, e escrevendo um drama em cinco actos intitulado o *Astrologo*, representado tempo depois no theatro normal, e que só se imprimio o anno passado no *Archivo Universal*, e em livro, na imprensa do mesmo semanario. *O Astrologo* é um drama excêntrico, feito mais para a leitura meditada do gabinete, do que para os effeitos rapidos e imprevistos do theatro. O que havia de nubloso e cabalístico na phrase do protogonista do drama não achou pronunciadas sympathias nas platéas do theatro portuguez e um critico, tão joven que ainda n'essa epocha cursava as primeiras cadeiras da Universidade de Coimbra, fez-se o desabrido interprete da opinião que cortezmente se manifestára no publico. Alma doente, existencia desamparada de todos os confortos que retemperam e suavizam o espirito, João Corrêa Harcourt, morria da febre amarella, em 1857, n'uma enxerga do hospital de S. José, indifferente ao passamento, como então noticiaram os jornaes, e sem saudades da vida em que se encontrára orphão logo ao sair do berço.

Recommendado por Lopes de Mendonça á vasta intelligencia, e aos caridosos impulsos do coração de Rodrigo da Fonseca Magalhães, foi este attico orador, e consummado estadista, que do seu bolsinho ao principio, e mais tarde dos envergonhados dinheiros da policia secreta da Universidade (policia por elle abolida em proveito dos engenhos pobres) que João Corrêa Harcourt recebeu as indispensaveis mesadas com que fez face ás despesas da vida d'estudante. Vindo a Lisboa com o producto dos premios que obtivera no fim do anno lectivo, Corrêa Harcourt, azeitado com a caridade que já o trazia preso a Rodrigo da Fonseca, desprendia a sua irritada bilis em amargos folhetins contra todos a quem sorria a aura popular. João d'Andrade Corvo foi sobre quem mais se exercitou o humor doentio do folhetinista em periodos repletos de malevolencia. É de crér que a sociedade, festejando como devia os talentos do joven escriptor, o trouxesse com o correr do tempo a mais sobrias apreciações sobre o merito alheio, mas a morte não quiz dar-lhe tempo ás suaves expansões de entusiasmo, e arrebatou-o, coitado! vendo tudo atravez do veu lugubre que lhe enluctára a vida.

Juntámos aqui de proposito os nomes d'Andrade Corvo e de Corrêa Harcourt, para exemplo a tantos, que, sem as desculpas que este merece, são nas letras os morcegos que vem de noite perturbar as vigalias dos que estudam, e beber-lhes, para os deixar nas trevas, o azeite da alampada que os allumia.

D'este pequeno contratempo vingou-se nobremente Andrade Corvo, escrevendo logo em seguida uma chistosa e portugueza comedia intitulada *Um conto ao serão* que se representou no theatro de D. Maria II, com merecido applauso do publico, e da imprensa que a commemorou condignamente. Era não desanimando aos golpes dos adversarios que os atheletas saíam triumphantes do circo. Era aos que nunca paravam na carreira que Pindaro exaltava nas suas odes. É aos que hoje cingem com dignidade os cilicios da critica que a posteridade espera para os enramar de loiros.

Em breve vamos vêr Andrade Corvo separado do remanso dos seus livros, e atirando-se expontaneamente ao sorvedoiro da politica, das polemicas apaixonadas, das desillusões constantes.

Abra-se aqui estádio para lastimar tantas e tão boas intelligencias que temos visto passar successivamente no prestito funebre do jornalismo politico, pingando com a cêra dos brandões mortuarios as mãos que ainda de vespera corriam pelo papel semeando estrophes lyricas, ou talhando no romance graciosas scenas d'amores. No chão arido da politica tem-se encravado mais de uma relha de boas e laboriosas charruas, não conseguindo desprender do solo ingrato senão os abrolhos das malquerenças, e das zizanias partidarias. A poesia foge timida dos antros aonde se pleiteia a honra dos homens, e refugia-se, triste e silenciosa, longe do que na linguagem perfida dos Machiavellos se chama, por que alguma coisa se lhe havia chamar, direcção illustrada do espirito publico!

Que talento provado nas boas-letras tem escapado em Portugal ao tonel das Danaïades de jornal politico? A João d'Andrade Corvo chegou tambem a sua vez em 1847, e é n'esta nova phase da sua vida intellectual que o iremos acompanhando, sem termos, felizmente para nós, que apontar n'elle as acrobaticas evoluções com que tantos outros têm deleitado as trincheiras apinhadas de espectadores dos jogos icarios da politica.

Pede, porém, a ordem regular d'esta narração, que não confundâmos na mesma critica trabalhos de indole diversa, e por isso reservâmos para o proximo numero d'esta Revista a apreciação do caracter de João d'Andrade Corvo como jornalista politico, fechando este estudo, como é de razão, com a analyse do que vale o nosso amigo como homem de sciencia.

(Continúa)

L. A. PALMEIRIM

## BOSQUEJO DA LITTERATURA DRAMATICA

### EM PORTUGAL

#### DESDE O SECULO XVII

(Fragmento de um livro inedito)

(CONCLUSÃO)

A historia nacional pouca attenção merecia então aos nossos poetas. A não ser o pathetico episodio de Ignez de Castro que depois de Ferreira como que havia posto em certamen os engenhos tragicos mais notaveis, nenhum outro quadro da nossa historia parecia podel-os inspirar. Aparece-nos, todavia, Luiz Corrêa da França com a sua tragedia *D. Maria Telles*, a qual se tornou singular pela audacia com que offende as leis da poetica classica, e isto n'uma quadra em que os seus dictames e exemplos eram seguidos com a observancia de uma cega idolatria. Na *D. Maria Telles* a fabula passa-se toda em narração; a protagonista e seu esposo não apparecem, ou antes a protagonista é a rainha, irmã de D. Maria Telles, porque em si resume o pouco interesse do dialogo e da acção. O padre Henrique José de Castro, prior de S. Lourenço, tambem compõe, além de *Priamo e Lauso*, um *D. Pedro infante regente*.

Os principios philosophicos e o influxo que os encyclopedistas tinham produzido em França, personificam-se de certa maneira em José Anastacio da Cunha, que se affasta completamente da escola tradicional que a Arcadia symbolisa. Profundo mathematico e philosopho que acompanha o movimento progressivo do espirito do seu tempo, apresenta *Mafoma*, tirado do *Mahomet*

*où le fanatisme* de Voltaire, retracto energico que a audacia philosophica traça dos prophetas da impostura. Das idéas do seculo XVIII é talvez José Anastacio o unico reflexo que brilha então na nossa litteratura.

Por este tempo foi coroada pela Academia uma tragedia intitulada *Osmia*. As Osmias, como as Sophonistas em Italia e França, haviam-se propagado mais que a familia de Agamemnão. O auctor, n'esta, conserva-se incognito. Attribuem-na á viscondessa de Balsemão, D. Catharina, avó do actual visconde, e tambem á condessa de Vimieiro. José Maria da Costa e Silva assegura que é do conde da Barca, Antonio Araujo de Azevedo, e parte de inducções accetaveis.

A comedia teve poucos cultores n'este tempo. Calderon de la Barca, Lope de Vega e Goldoni foram postos em contribuição forçada e systematica, e d'estes só se sahia para a farça popular, reproducção dos *saynetes* hespanhoes, das *fabulas attellanas* latinas e da *comedia dell'arte* italiana. Comtudo, a satyra social já começava a despedir da scena algumas frechas ervadas, como se vê pela especie de farça de Leonardo José Pimenta, por titulo *A ambição dos tartufos confundida*, que é uma critica fulminante dos jesuitas. *O peralta mal creado*, do mesmo auctor, é egualmente a caricatura de algum peralvilho da época, que a musa da comedia fustiga sobre o palco. A estas duas reúne-se *O chocalho ou annos de D. Lesma*, peça que não deve nada á finura do gosto, como o titulo bem indica, mas que é uma surriada bem pregada á veneta da época que Nicoláu Tolentino pinta com tanta graça n'estes versos:

Sahe a moça da cozinha,  
E diante da senhora  
Vem desdobrar a banquinha:

Na farpada mesa, logo  
Bandeja e bule apparece;  
Que mordaes os beiços rogo,  
Pois são trastes, que parece  
Que escaparam de algum fogo.

Em bule chamado inglez,  
Que já para pouco serve,  
Duas folhas lança ou tres  
De cansado chá, que ferve,  
Com esta, a setima vez.

De fatias, nem o cheiro,  
Por mais que ás vezes as quiz;  
Que o carrancudo tendeiro,  
Cansado de gastar giz,  
Já não dá pão sem dinheiro.

É aqui o logar de apresentar José Caetano de Figueiredo, com os seus entremezes, entre os quaes figura a *Brites Papagaya*, mais popularmente conhecida pela *castanheira*. Nos escriptos d'este auctor nota-se observação dos costumes do nosso povo, e n'elles apparecem, aqui e alli, varios dos seus typos mais burlescõs e caracteristicos, o que muito concorre para os alegrar, imprimindo-lhes a physionomia do tempo. Tambem traduziu a *Alzira* de Voltaire, que corre impressa.

Pertence a esta familia de talentos galhofeiros e populares, que tanto desenfadam as platéas, convertendo a scena n'uma especie de exposiçãõ de *quadros de genero*, Manoel Rodrigues Maia, fecundo auctor de uma vasta galeria de farças, como o *Gallego Lorpa*, a *Abelha Mestra* e o *Doutor Sovina*, o mais applaudido e classico entremez da nossa scena.

O numeroso theatro de Manuel de Figueiredo é o passo mais gigante que a litteratura dramatica tenta n'esta época. Affecta-se por ahi um profundo desdem para com as suas obras, e todavia n'aquelles quatorze volumes, onde ha muito enrêdo monstruoso, muita versãõ desenxabida do theatro italiano e hespanhol, muita offensa ás boas regras da scena e até da decencia, ha tambem muita inventiva dramatica, movimento e jocosidade de dialogo, e situações procuradas com arrojo e desenvolvidas com chiste. O *dramatico afinado*, o *Acredor*, *A escola da mocidade*, *A apologia das damas*, o *Fatuosinho*, e outras, são curiosos quadros de costumes, em que ha muito que estudar, e os novos engenhos dados a este genero de lettras poderiam aproveitar sem desaire para a nossa scena, e com gosto do publico que nas satyras que alli se encontram encontraria a observação e a censura folgasa e picante de muitos dos ridiculos que ainda são d'estes nossos tempos, e que serão sempre como uma feiçãõ permanente do homem em sociedade.

Depois d'esta época, o theatro ainda se mostra longe das verdadeiras condicções da arte e do espirito que deve animar a comedia e o drama, mas começa já a dar de mão á influencia, até então tyrannica, da chamada eschola classica franceza. Manuel Caetano Pimenta de Aguiar escreve entre algumas quatorze tragedias, que faz imprimir, o *D. Sebastião em Africa*, e *D. João I*,



assumptos colhidos na historia patria, e *A Conquista do Perú*, *A morte de Socrates*, *Os irmãos inimigos*, *A destruição de Jerusalem e Virginia*, todas representadas em Coimbra. As platéas do antigo theatro do Salitre e da Rua dos Condes recebem com applauso o *Annel de Giges*, magica attractiva de visualidades do padre José Manuel, e *Pedro-o-Grande ou os falsos mendigos*, tão decantado pelo popular e encarecido dialogo, desempenhado com a graça franca e natural dos nossos comicos antigos pelos fallecidos Theodorico e Florinda. N'esta peças encontram as predilecções do nosso povo estimulos e desaffogo: as platéas intendem-nas porque vêem reflectir-se n'ellas. Ha outro *Annel de Giges* de José Joaquim Leal, que escreveu bastantes dramas para o Salitre: o *D. Quixote na Cova de Mantesinhos* é o unico que corre impresso.

O movimento da nossa sociedade e a excitação nos espiritos que a politica principiava a irritar em 1820, apresentam tambem os seus symptomas naturaes no theatro. Este phenomeno manifesta-se sobretudo nas allusões e personalidades jogadas entre Antonio Xavier e José Agostinho de Macedo, o que contribue para dar á scena um character de invectiva, mas ao mesmo tempo um character nosso. *A preta de talentos*, drama do primeiro, em que já despontam, em assomos ainda indistinctos, as idéas da emancipação dos escravos, talvez suscitadas pela fermentação da independencia e egualdade que os principios liberaes trouxeram aos animos, e que depois tem sido tão largamente sustentados, este drama estimula a veia satyrica de José Agostinho, que o chasqueia n'uma das suas *Cartas de Manuel Mendes Fogaça*. A satyra do padre é replicada por Antonio Xavier na comedia *O máu amigo*, pelourinho onde o auctor do *Oriente*, perfeitamente imitado pelo actor Caetano, se vê exposto aos tiros da malevolencia publica. José Agostinho requer ao intendente Manique contra este excesso de allusão pessoal; porém a malignidade do seu adversario acha meio de illudir as determinações da policia, fazendo apenas mudar o personagem do padre pela figura caricata e risivel do *Pax-vobis*, maniaco que vadiava n'esta época pelas ruas de Lisboa, de casaca encarnada, sempre acompanhado de turbulento rapazio.

Mas a satyra, na penna do auctor do *Motim litterario*, degenera em libello: *O Sebastianista desenganado á sua custa*, satyra virolentissima a Pato Moniz, e *A impostura castigada*, allusão offensiva ao doutor Abrantes, são uma prova disto.

José Agostinho, que tanto fustiga os seguidores da nova eschola franceza, a que chama dos *effeitos do theatro*, escreve os dramas





Christina Bar. a. Bona.

Simão L.

RECORDAÇÕES DE LEIRIA.

*D. Luiz de Athaide e Clotilde*, que não são senão dois quadros affectuosos do amor contrariado, combinados em lances de exaggerada exallação sentimental. A sua mesma tragedia *Branca de Rossi* já pertence ao systema mixto de Voltaire, assim como a *Zaida*, arremêdo da *Semiramis*, do mesmo poeta, onde as regras classicas toleram a acção e episodios dos acontecimentos modernos.

No *Palafox em Saragoça*, de Antonio Xavier, e no *Pedro-o-Grande ou a escrava de Mariemburgo* encontramos os grandes successos que occupavam a attenção da Europa moderna. A *restauração dos Algarves*, drama de Luiz Sequeira Oliva, e a *Batalha de Otta*, farça ligeira e de pouca valia, de auctor anonymo, figuram tambem n'este quadro de acontecimentos politicos e explosão patriotica, ateiado pela guerra continental.

Antonio Xavier é o introductor, no nosso theatro, do drama lacrymoso (*larmoyant*). Com innegavel talento para achar lances de lucta de paixões, e desenvolvê-los, ferindo as cordas mais sensiveis do affecto humano, torna-se o precursor do genero romantico e consegue fazer-se o idolo d'aquella parte das platéas que procuram no theatro o abalo violento das commoções patheticas. A *sensibilidade no crime*, drama inspirado por Kotsebue, e o mais predilecto dos nossos antigos theatrinhos particulares, *A preta de talentos*, e outros mais ou menos originaes em que o terror e a piedade prendem o interesse geral, são os assumptos com que este escripto excita o sentimentalismo, que então entrára em moda. Antonio Soares de Azevedo obedece ás mesmas influencias e perfilha-se na mesma escola, imitando de Fridirici *Camilla no subterraneo*, episodio angustioso do amor perseverante. É tambem de Antonio Xavier o *Roberto chefe de salteadores*, imitado de Lamartériere, o qual tambem o havia imitado de Schiller, e as duas popularissimas oratorias *Santo Antonio livrando o pae da forca* e *Santo Hermenegildo*, que são egualmente uma derivação d'este genero em que os appellidados *effeitos de theatro* põem em contribuição forçada os movimentos do coração. Fernando José de Queiroz figura tambem a par d'estes engenhos que se inspiram das paixões violentas, com o seu drama *O verdadeiro heroismo ou o anel de ferro*. As situações violentas, as declamações banaes, as apostrophes de explosão irada, os transes afflictivos e as excitações forçadas succedendo-se e complicando-se até levarem a anciedade ao animo do espectador, e tudo isto declamado n'um estylo emphatico que pede as suas inspirações a uma exallação constante e quasi sempre falsa pelos sentimentos hyperbolicos que a verosimilhança não explica nem admite, eis em que se resume o merito e indica o caracteristico d'este genero, que em

França chegou a fazer grande escola tendo á sua frente Victor Ducange, Félicien Mallefile, Felix Pyat, Augusto Lachet, Noël Parfast, Coruberrusse, Desmery, genero que infelizmente tantos pro-selytos conta ainda em nossos dias.

A já populosa dynastia das Castros encontra mais um imitador em Joaquim José Sabino, que compõe uma tragedia sobre este assumpto; e Thomaz dos Santos e Silva escreve tambem um *D. Sebastião em Africa*. Como se vê, o lastimavel episodio do rei *desejado*, e o fim tragico *d'aquella que depois de morta foi rainha*, haviam-se tornado, quanto aos nossos poetas, um thema infindo para as suas competencias litterarias, como o foram para os poetas francezes, no seculo xvii, alguns dos assumptos de Eschilo, Sophocles e Euripedes.

Depois vem a quadra afflictiva das discordias civis. A guerra accende os animos e exalta as imaginações. As musas da scena retiram-se humilhadas, velando o rosto de consternação por verem que as suas tradições são esquecidas e desacatadas pela irritação da rivalidade dos partidos. Antonio Ricardo ainda nos apresenta, além de outras peças, o bem conhecido *José II visitando os carcereiros da Allemanha*, e antes d'elle Bocage traduz a *Vestal* e a *Ephygenia* de Arnaud, e verte de Palaprat e Brueyes *L'avocat-patelin*, com o titulo do *Ralhador*. N'este numero de imitadores apparece-nos tambem Vicente Pedro Nolasco com a sua *Cora ou o triumpho da natureza*, episodio da guerra americana feita nos ultimos annos pelos europeus, o qual é inspirado visivelmente pela *Alzira* de Voltaire, que, pela sua parte, tambem se havia inspirado do *Pizarro* de Sheridan e dos *Hespanhoes no Perú* de Kotzebue. Mas tudo isto são mais estudos litterarios do que produções que dêem vida e caracteristico á scena. O proprio Francisco Manuel do Nascimento faz um bom serviço ás nossas letras traduzindo de Matastasio *Antigono em Tessalonica*, o *Coriolano*, e outras peças de bom nome como o *Tartufo*, mas a sua influencia não passa dos dominios do estudo e primores do idioma. A transformação que elle prepara com estes esforços rebenta mais tarde e n'outras regiões da litteratūra, embora depois, como consequencia natural, o theatro aproveite muito d'estes resultados. Assim a nossa scena resente-se da esterilidade que as discordias politicas leva aos dominios da arte. Por excepção apenas lá surge, como um ecco dos abalos dos triumphos do mundo politico, um ou outro *elogio historico* de Pato Moniz, de José Maria da Costa e Silva e alguns de José Agostinho de Macedo, nos quaes o já conhecido genio da Luzitania, de elmo emplumado e cothurno atheniense, depreca em versos sexquipedaes a protec-

ção do iracundo Marte, que desde o primeiro canto dos *Lusiadas* a tinha concedido aos portuguezes. Luiz José Bayardo é dos poucos auctores que nos apresentam algumas producções originaes adoptadas ao gosto das nossas platéas. *Christierno rei de Dinamarca*, que outros attribuem ao bispo de Viseu Athaide, apparece n'este numero, e poucos annos antes da sua morte compoz *O marquez de Pombal ou o terremoto de 1755*, tão festejado e repetido no theatro da rua dos Condes.

A transformação politica de 1834 produziu o seu effeito natural nos espiritos e na litteratura, porque estes movimentos correm sempre parallellos ou são o corollario uns dos outros, quando agitações radicaes abalam as sociedades. Foi com os acontecimentos sociaes que a revolução litteraria, operada em França pelos escriptores que appareceram com a Restauração, influiu no talento dos nossos poetas, manifestando os symptomas de uma innovação inspirada pelas tradições nacionaes. O poema *D. Branca* é a primeira revelação das idéas modernas, e só decorridos alguns annos o theatro apresenta o *Gil Vicente*, o primeiro drama que, dentro dos limites litterarios, reproduz um quadro romantico da nossa historia tradicional. Gil Vicente, o poeta galhofeiro que solta as primeiras gargalhadas da comedia peninsular, é tambem o personagem escolhido pelo visconde d'Almeida Garrett para apontar o verdadeiro caminho á scena portugueza. O apparecimento d'este drama foi um acontecimento publico. Como o *Hernani* de Victor Hugo, como o *D. Alvaro* do duque de Ribas e o *Ludovico Sforza* de Niccolini, o *Gil Vicente* assignala o periodo de triumpho das idéas novas sobre a arte no theatro, e prova que este pôde viver de themas nacionaes com applauso do publico e da critica esclarecida. D'esta data começa o grande movimento litterario que proporciona bellos momentos de gloria á phalange de mancebos, victoriados por diversas vezes na scena. A historia e analyse d'esta época e dos annos que lhe succederam até hoje serão o objecto de outro artigo que deve seguir-se a este, e que será como o seu complemento. N'esse trabalho, de uma maneira mais detida e aprofundada, trataremos de apreciar os diversos meritos e generos que representam esses talentos, assim como as diversas transformações que depois d'esse tempo tem apresentado a arte dramatica em Portugal.

JOSÉ MARIA D'ANDRADE FERREIRA.

## AQUELLA MULHER DA AZINHAGA.

Põem os escriptores em memoria cousas acontecidas, assim de virtudes como de vicios, umas para seguirmos, outras para evitarmos, e aconselham-nos que lancemos mão do bom, e demos de mão ao máo.

HEITOR PINTO. *Imagem da vida christã.*

Aqui temos a nossa suspirada azinhaga, o horizonte lindo das nossas moderadas ambições, e a cruz de pedra tosca, onde fitámos os olhos lagrimosos n'aquella tarde.

Assenta-te n'este combro, aonde eu vim, sósinho, duas vezes assentar-me, e scismar contigo, até que a saudade, o remorso, e a desesperação me abafavam o desafôgo do gemido.

Ali, n'aquella devêza, espojava-se o nosso cão, e, de contente com a frescura das searas, vinha, a intervallos, lamber-nos as mãos.

«Quando me tornarás a ver! Talvez que nunca!» dizias tu ao teu segundo amigo n'este mundo, ao fagueiro animal, que se te enroscava aos pés.

Ali está ainda, com o açafate dos bolinhos sobre os joelhos, aquella mulher de aspecto triste. Passaram já dois annos alvejando-lhe as cans, e arrugando-lhe a pelle do rosto que as lagrimas haviam desmaiado.

«Adivinho que ha dores grandes na alma d'aquella creatura» disseste-me tu.

O infortunio dá a intuição magnética do soffrimento de estranhos. Como se as lagrimas continuadas enfraquecessem os olhos da face, e aclarassem os do espirito, compensando os eleitos do desgosto infinito com a faculdade de irem dentro da alma aprender a paciencia, tu, filha da minha paixão, adivinhavas que a pobre mulher pâdecia muito, e esperava a morte ali nas visinhanças da valla commum.

Ella ali está ainda. Não se atreve a offerecer-te os bolinhos velhos e seccos que vende. Não importa. Compra-lh'os tu. Paga-lh'os pelo quadruplo do seu valor. Dá-lhe essa delicada esmola, e não lhe perguntas se ha mingua d'ella. Não te esfrie a caridade o ar de ingrata indifferença com que a pobrezinha t'a recebe. Não é orgulho: é a impassibilidade da indigencia, que antes de vir áquelle extremo, gastou em lastimas e supplicas baldadas o sentir de christã, e agora está assim apparentando um rude stoicismo, suprema expressão do mal-estar na vida humana.

Adivinhaste. A mulher da azinhaga do «Arco-do-Cego» padecia muito.

Em uma das duas tardes, em que vim aqui evocar recordações para amparar esperanças, lembraram-me as tuas palavras, e contemplei-a com aquelle gostar amargo que me vem de tudo em que os teus olhos se demoravam um momento, e os teus labios gravaram com uma palavra na minha memoria, na memoria do meu coração.

Assim scismava em ti, contemplando-a, quando um homem idoso, e bem trajado, parou diante d'ella, e cortejou-a. Demorou-se alguns minutos, e lançou-lhe ao regaço dinheiro que ella lhe devolveu, e elle regeitou, retirando-se apressado.

A mulher curvou a face sobre o açafate dos doces; e, quando a levantou, limpava os olhos ás pontas do lenço branco da cabeça.

Fui disfarçadamente ao pé d'ella, e comprei-lhe uma medida d'aquellas favas torradas que te faziam rir pela semsaboria, e perigo de estalar os dentes.

Não me deu logar a dirigir-lhe pergunta alguma. Dava-me, sem me encarar, o troco de uma pequena moeda de prata, e eu retirei-me sem recebel-a.

«Muito obrigada» disse ella, erguendo o lenço que forrava o açafate para arrecadar o dinheiro.

«É insondavel o segredo» disse eu comigo, e fui d'ali triste, e a scismar na combinação dos incadeados successos da minha vida, em que tudo conspira para contristar-me e offerecer-me o mundo pelo seu lado lastimoso.

Duas noites depois d'essa tarde estava eu n'um «café» de Lisboa, justamente n'aquelle em que madrugamos n'um dia risonho, pedindo almoço, e sorrindo de tudo, que tudo nos promettia uma excursão alegre ao vale de Santarem, em que Almeida Garrett imaginára quadros feiticeiros, tão graciosos em phantasia de amantes. Recordate sem lagrimas. O sol d'aquella manhã voltou....

N'esse «café», pois, estava comigo um homem de quarenta annos, affeiçãoado por sympathia de dores ao meu infortunio, desgraçado em quanto esperava a felicidade, cynico, sem affrontar os felizes do mun-



do, desde que viu ir na mortalha de uma mulher a sua ultima esperanza.

Fallavamos da embriaguez de Spronceda e de Alfredo de Musset. Eu recriminava a fraqueza de dois espiritos, luminarês da poesia contemporanea. Elle absolvia a prostituição do talento, negando ás faculdades ricas da alma o beneficio do balsamo para as feridas rasgadas no coração. D'aqui derivamos naturalmente para o thema do amor. Contou-me factos, para argumentar contra as minhas theorias. E entre outros de menos exemplar e interessante enredo, lembra-me este:

«Maria Angela era uma menina que o meu amigo conhecera aos dez annos, tendo ella dezoito. Vivia com seus pais nos arrabaldes de Lisboa, ahi por Bemfica, nas visinhanças d'aquelle convento, onde tu, minha amiga, induzida pelos desenhos bucolicos do teu querido Luiz de Sousa, quizeste ir comigo, admirar a ficção do talento descriptivo do frade imaginoso, ou pasmar melancolicamente do estrago que dois seculos fizeram nas pittorescas maravilhas do famigerado convento.

Nos arredores d'aquellas ruinas, morava, ha trinta annos, Maria Angela. Seu pai era um official general do exercito de D. Miguel. A mãe não sei quem fôra. Entrelembro-me que o meu amigo me disse que era filha segunda de uma casa muito nobre do Alemtejo.

Em 1829, o brigadeiro previo a queda da bandeira sob que militava, e pensou no porvir de sua filha, cujo dote, quebrada a espada de seu pai, era uma formosura distincta, e uma educação tanto mais inconveniente quanto escasseavam os bens da fortuna.

Um commerciante abastado de chá e assucar, amigo do brigadeiro, pedira Maria Angela aos quinze annos. Fora-lhe então delicadamente regeitada a proposta; aos dezoito, porém, o futuro innegrecia, a belleza perigava ao pé do abysmo da necessidade, e o pai annuiu sem consultar a filha.

O silencio da victima tornava mais sensivel a repugnancia. Accudiu o pai com argumentos de força, irrespondiveis. Descreveu os horrores da pobreza, e os prazeres da abundancia. Fallou em luxo, em carruagens, em pompas, em respeitos do mundo, só não fallou no coração. A mãe de Maria era excellente esposa, e mãe extremosa; e, porque o era, longe de combater o marido, com rasões de coração que já não sentia, exultava nos preparativos para immolar a filha ao Moloch do ouro.

Em 1830, casou Maria Angela com o mercador de chá e assucar. Entregaram-lhe o governo de uma casa de grande labutação para distrahir saudades de seus paes, e de suas amigas. Estas, friamente recebidas pelo negociante, não voltaram a consolar as mal represadas lagrimas da noiva oppulenta. O brigadeiro fôra mandado para a provincia de Tras-os-Montes. Ficou sósinha, em face de seu marido, que

subia dos armazens a contar-lhe radioso de alegria, a horas de jantar ou ceia, a felicidade das suas veniagas, maravilhado da esperteza propria e da inepecia dos logrados. No auge de sua boçal alegria, costumava elle brindar a esposa com grandes palmadas nos hombros, e era frequente irritar-se se ella não respondia festival a estes jubilos.

Em 1831 voltou a Lisboa a mãe de Maria Angela, e o pai ficou no cerco do Porto. A senhora hospedou-se em casa de seu genro, e melhorou a sorte da filha, consolando-a com a religião, mãe dos dois anjos bons dos infelizes, paciencia e esperanza. O negociante achava pesado o encargo, e mais ainda o que se lhe antolhava no caso de vencer D. Pedro. Receber em sua casa, como dote da mulher, duas pessoas affeitas a viver á farta, e inhabeis para trabalho algum, isto assustava-o, e sobresaltava-lhe o somno. Maria respondia chorando aos sustos de seu marido, e ia no regaço da mãe enxugar as lagrimas. A velha senhora, não podendo atinar com o segredo de taes lastimas, no seio da abundancia, culpava a filha de demasiada susceptibilidade, e pedia a Deos que a levasse para si antes que Maria meditasse alguma traição aos seus deveres de esposa.

Estas supplicas a Deus seriam escutadas? Na presciencia divina estava marcado o momento da queda?

Não me respondas que sim, amiga de minha alma. De tudo o que tu me has dito, quando a angustia te illucida o espirito, é que eu recompuz a minha religião, as minhas tabuas da lei. Não me deixes ser por ora fatalista. Tanta semente lançada sobre espinhos, e esperançosa dos fructos da paciencia, ficaria perdida. Deixa-me crer nas duas veredas que se affastam na vida, e se não podem encontrar além da campa.

A mãe de Maria Angela morreu em 1832. O brigadeiro sobreviveu dois mezes á capitulação de Evora-monte. O negociante tornou ao quietismo dos seus regalados somnos.

## II

Lembra-me ouvir-te dizer, minha amiga, que as almas vulgares não amavam muito, mas amavam sempre; que as paixões boas do coração se consummiam no seu proprio incendio tão depressa quanto, nas almas finamente temperadas em poesia e imaginação, a mobilidade era um condão fatal, senão antes um providencial desconto.

Impugnei a tua opinião, sem poder exemplificar a contraria, e senão a contraria pelo menos a asserção de que o fastio tanto enoja as almas que se extremam do vulgo como as outras, cuja existencia eu já puz em duvida, abordado ao parecer de insignes philosophos da antiguidade.

O mercador do chá e assucar infastiou-se de Maria Angela, como Saint-Preux, como D. João, como Adolpho, como Fausto, como Obermann. Todos somos eguaes perante essa linha com que Deus, cioso do amor da creatura, abalisou as afeições terrenas.

Não te intristeças, martyr. A linha assignalada por Deus recua até á sepultura, quando as feras da sociedade arremetem, assanhadas contra o amor, paciente mas inabalavel, esmagado mas immortal, escarado no rosto mas com os olhos em Deus, alanceado em todas as fibras, deturpado em todas as suas manifestações, mas vivendo da fibra que mais dóe, e rehabilitando-se para a victoria infallivel, a cada cabeça da hydra da calumnia que o ferro da pertinacia vai decepando. Amor assim é o da predestinação, anjo do meu destino e do meu amparo. Para este ha uma balisa no tumulo, e depois o infinito, esse vago que o teu scismar entende e te preluz no espirito, quando me annuncias a redempção, pelos sacrificios, pelas dores, pelas agonias da tua sanctificada existencia.

Declinára até ao aborrecimento a afeição conjugal do commerciante. Maria, já afeita ao tracto invariavel de seu dono, chegára a estimal-o, e a crê-lo bom. Porém, aos quatro annos de captiva, de dia para dia reconheceu com dor que seu marido nem se quer lhe communicava já aquellas expansivas alegrias das especulações felizes. Depois, veio a evidencia do desprezo com as sabidas de noite, e o voltar ás horas em que os armazens se abriam. Finalmente, o arremeço, o desdem, e até a injuria grosseira quando ella melindrosamente o arguia da triste solidade em que a deixava.

Era formosa ainda, e mais, por aquelle toque de maviosa tristeza que imprime o magoado scismar. Viam-na poucos, e amavam-na esses que a viam, e os que a tinham conhecido aos quinze, aos desanove annos, linda e triste como anjo, saudoso do ceo, e previdente do inferno que este mundo lhe tinha de ser.

Maria Angela viu um amigo de infancia, o primeiro homem que lhe dissera n'uma tarde de Agosto: «Se eu fosse rico; Maria, eras minha esposa?» — Era, respondeu ella. E continuaram o dialogo n'um aperto de mãos, que as lagrimas embargavam a palavra.

Esse amigo de infancia voltára oito annos depois á casa de Bemfica, e achára outra familia n'ella. Soube que Maria casára rica, e violentada. Chorou-a, e disse: «Não posso culpá-la. Eu nada lhe prometti. Trabalhei para ser rico, n'uma esperanza, que nem a ella revelei. Agora, aqui estou pobre como fui. De que valera pedir-lhe que me esperasse!»

Maria Angela viu este homem, e n'elle todo o seu passado, pai, mãe, infancia, alegrias, o ceo, a noute, as flores, as esperanças, as primeiras lagrimas... oh! as primeiras lagrimas! isto valia mais que tudo,

minha amiga! As primeiras lagrimas do coração são um perfume que Deus acceita, e n'elle vai a imagem que o ceo recebe, e purifica na do anjo immortal que a mulher, mesmo do fundo abysmo dá sua degradação, procura, e ama, e exhora n'uma estrella, á hora em que não lh'as vejam, nem lh'as insultem, as lagrimas.

Como não havia de amal-o ella?!

Amou-o cega, amou-o perdida, amou-o com o entusiasmo da innocencia, sem perceber que era crime amal-o, que era vergonha perder-se, que era uma infamia fechar os olhos e despenhar-se á voragem, d'onde só uma vez a mão de Christo pôde salvar uma mulher.

Como é bello o peccado quando o coração o não confessa! Muito d'alma deve ser a paixão que desponta os espinhos de remorso, se o delicto os não imbotou com o repetir-se, ou se a culpa é a primeira!...

Nem se quer hypocrita! nem se quer cautelosa na sua culpa! nem ao menos saber que a sociedade acceita carinhosa todas as torpezas veladas de modo que sejam um rotulo bem patente ás esperanças d'aquelles que as toleram, e d'aquellas que as imitam!

Maria Angela foi denunciada pelo caixeiro a quem confiára o segredo da sua deshonra. O commerciante ouviu impassivel a denuncia. Impassivel se sentou vinte dias com sua mulher á meza. Nenhuma alteração nos seus costumes; nem um sorriso de menos, nem de mais uma palavra dura.

E ella doida de felicidade, contando impaciente minuto a minuto as horas do dia, anciosa por aquella hora da noite, em que tudo era alegria e vida n'aquella oppulencia da sua camara, d'antes triste e morta...

### III

«Eu conheci o amante desta mulher — disse o meu amigo.

Era um moço de vinte e tantos annos, com a intelligencia divina do coração, poeta sem ter escripto um verso, rico como o primeiro homem, senhor das pompas da criação, querido de todos os que lhe mereciam as suas loucas e arrebatadas confidencias, esquecido de tudo, e perdido para tudo que não fosse ella, a *flor do Eden*, como elle a intitulava no lyrismo caloroso da sua conversação.

Uma noite, passeavamos juntos no Caes das columnas — proseguiu o meu amigo — ouvimos onze horas. «Adeus, disse-me elle. — Inveja-me. Amanhã apparece-me. Tu és alma a quem eu posso dar estimulos e esperanças para creres e procurares a perfeita felicidade sobre a terra. Hei de hoje pedir a Maria Angela que adivinhe onde está um anjo como ella. Se elle existir, é teu.»

Eu sorri-me, apertei-lhe affectuosamente a mão, e contemplei-o com inveja, até o perder de vista.

No dia seguinte estava eu na cama, ás dez horas da manhã, e recebi um bilhete a lapis. Não entendi senão as palavras *punhaladas*, *moribundo*, e *morta*. Mandeí entrar o portador do bilhete. Perguntei-lhe quem escrevêra aquellas linhas, e d'onde vinha. Respondeu-me que as escrevêra um homem, que entrára no hospital, ás tres horas da manhã, crivado de facadas, e que disse chamar-se Jorge de \*\*\*

Corri ao hospital de S. José. O amante de Maria Angela tinha expirado, minutos antes, recommendando a um sacerdote que me dissessem que entrasse no seu quarto, e guardasse todos os papeis que eu reconhecesse perigosos á reputação de alguém.

Não quíz ver o cadaver do meu amigo, nem respondi aos esclarecimentos que se me pediam, nem pedi alguns ácerca do logar em que o encontraram. Adivinhei tudo.

No dia seguinte os armazens do commerciante de chá e assucar estavam fechados, as portas selladas, a fallencia publicada, e o fallido tinha desaparecido. Na tarde d'esse dia, Maria Angela, por um despacho do juiz, despejava a casa, levando consigo apenas a roupa de seu uso. Ao descer o ultimo degráu, ouviu dizer: «Ella naturalmente sabe onde está o ladrão do marido, e lá irá ter com elle.»

Maria Angela entregou a um carreteiro o bahu da sua roupa ordinaria, e disse-lhe «para a Rua Formosa n.º 55.»

Estava eu na Rua Formosa n.º 55, queimando as cartas de Maria Angela, e consolando as lagrimas das duas irmãs do meu amigo, quando ella assomou no patamar da escada.

«O Sr. Jorge! disse ella.

— Jorge mataram-no — respondeu uma das senhoras.

Ouvi um grito, e um prolongado estrondo. Corri ás escadas. Vi uma senhora com o rosto ensanguentado entre o limiar da portã e o ultimo degráu. Tomei-a nos braços, e conduzi-a para o leito de Jorge. Invoquei o auxilio de um medico, e sentei-me ao lado d'aquella mulher que abriu os olhos, e examinava quanto a cercava, sem um gemido, sem uma lagrima.

O medico sangrou-a, e estimulou-a com quantos espiritos podia sacudir-lhe os nervos. Ao cabo de algumas horas, Maria saltou do leito a rir, a dançar, a cantar, mas um cantar tão desabrido, umas cascalhadas de riso tão estridentes, umas evoluções de possessa tão phreneticas, que as irmãs de Jorge fugiram espavoridas, e eu a custo pude segural-a para não descer á rua.

N'esse mesmo dia, a pedido do medico, entrou na infermaria das doudas. A demencia tornou-se furiosa. Esteve tres annos a ferros. Ao fim de seis annos sahiu curada. Ella ahi vive.

«Vive?! — perguntei eu, maravilhado.

— Vive! é um ludibrio da providencia, não achas?

«E como vive?

— Sentada no mesmo local, onde ha trinta annos Jorge lhe perguntou se ella seria sua esposa, sendo elle rico.

«Quem a sustenta?

— Esmolas dos que a conhecem ainda, e os lucros de favas torradas e bolinhos velhos que as doceiras lhe dão de esmola, creio eu.

«E o marido?

— É um millionario da America Ingleza.

O meu amigo bebeu o undecimo calix de cognac, e deu-me as boas noites.

### Conclusão

Repara bem n'aquella creatura da azinhaga do Arco-do-Cego, e ali tens Maria Angela.

Adivinhaste uma dor que eu não sei esboçar, minha amiga. Descreve-a tu; dá-nos esse quadro piedoso do thesouro de tuas dores: diz-nos tu o mysterio d'aquella flagellação de vinte e cinco annos. Eu descubro-me diante da martyr, em quanto tu lhe levas uma esmola de pão, e outra para a alma. Diz-lhe d'aquellas palavras com que me tens feito erguer a fronte desalentada, e procurar no ceo o Senhor que te mandou a este desterro, minha providencia!

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

# JOSÉ JORGE LOUREIRO

## PARTE III

(1829 a 1830)

Deixámos o capitão emigrado a caminho das regiões dos Alpes.

Como não exerceriam influencia n'aquelle caracter contemplativo os incidentes, as observaçoens e impressoens de tal viagem? Quem com mais lisura e franqueza do que elle as contaria?

Contal-as-ha. Depois de travar conhecimento com o homem, cujo nome sabe a nação, entrará o leitor na sua intimidade, e isso foi dado a poucos.

Os pontos que sobresaheem n'este itinerario são populares nas descripçoens de poetas estrangeiros: memora-os agora aqui um portuguez, não poeta, mas homem de claro espirito e san verdade.

«Genebra, 27 de Julho, 1829»—«Gastei aproximadamente um dia e uma bella noite de luar, em atravessar as montanhas do Jura. Não podes fazer idéa, nem eu sei descrever-te, o que senti, quando, depois de passar um despenhadeiro, fui como por encanto surprehendido pela vista dos empinados Alpes, e do lago de Genébra, com as suas verdes e aprasiveis margens! O lago é tamanho que nos primeiros momentos parece um braço de mar, apparencia que em certo ponto confirma a côr das suas aguas,

«azulladas como as do mar alto. Estendia-se na minha frente uma  
«extensa e magnifica cordilheira de montes, sobresahindo aqui e  
«alli os penedos mais elevados, que se desenhavam no horizonte,  
«e pareciam tocar a abobada celeste. O que mais atrahe é a vista  
«do Mont-Blanc, massa enorme, sempre cuberta de neve, que  
«parece ameaçar a Suissa e a Italia. Como se me apresentava a  
«uma distancia de 20 e tantas leguas, a sua altura á vista não  
«parecia tam consideravel, como a de outros montes, que estão  
«mais perto. Entretanto depressa se reconhece a sua verdadeira  
«grandeza. Basta reflectir que os outros não sustem a neve se-  
«nãõ até á primavera, quando aquelle tem até o que nos pa-  
«rece a sua base sempre cuberta d'ella. Áquem d'esta cordi-  
«lheira de collossos, e como aos nossos pés, fica o lago, po-  
«voado em todo o seu contorno, já de villas e logarès, já de ca-  
«sas de campo meio-sumidas entre os arvoredos. Estas culturas  
«contrastam de tal modo com o fundo do quadro, e com o paiz,  
«que eu na vespera havia atravessado, que me não lembra de ter  
«nunca sentido tamãha commoção. Isto tudo, e a solidão em  
«que me achava, longe dos meus, sem um amigo com quem po-  
«desse desabafar, inspiravam-me não sei que melancholia. Mas era  
«ao mesmo tempo uma melancholia doce, e mais dispunha á me-  
«ditação que á tristeza. O caminho, que é o da diligencia, desce da  
«montanha directamente a Nyon, pequena villa do Cantão de Vaud  
«situada á beira do lago. Seguindo a margem d'este para Gené-  
«bra, passa-se por Copet.<sup>1</sup> Á borda da estrada fica a proprie-  
«dade de Madame de Stael, que não pude deixar de saudar, lem-  
«brando-me que tinha sido a habitação da celebre escriptora cu-  
«jas obras nos tem dado tantas sensaçoes agradaveis. Genève  
«estende-se por uma pequena collina, na extremidade do lago,  
«no sitio em que o Rhône, nascido do mesmo lago, principia a  
«correr, de maneira que este rio divide a cidade em duas par-  
«tes deseguaes. As aguas do rio aqui sam tam limpidas, e teem  
«uma cõr tal, que na verdade admiram e encantam. Vê-se dis-  
«tinctamente o fundo na profundidade de 8 ou 10 braças. A ci-  
«dade não me parece bonita em si, nem abunda em edificios.  
«Os arrabaldes é que sam deliciosos, e contem muitas e formo-  
«sas casas de campo. Entretanto, ou seja por ficarem á borda  
«da estrada as que eu tenho visto, e estarem por isso os seus  
«bosques e arvoredos cobertos de poeira, ou seja opinião anteci-

<sup>1</sup> *Coppet*, na margem direita do lago, duas leguas ao norte de Genebra. A casa, adiante citada na carta, antiga residencia senhorial, encerra os tumulos de Necker e de Madame de Stael.



«pada e prevenção minha, parece-me que as das immediçoens  
«de Hamburgo devem ter a primazia. Tendo aqui visto o que ha  
«de mais curioso, fui hontem de passeio até Ferney, antiga ha-  
«bitação de Voltaire, que hoje pertence ao Conde de Boudet.  
«No caminho, ainda na cidade, passei por uma casa renovada,  
«que n'uma pedra tem por inscripção: *cici est né J. J. Rousseau.*»  
«D'esta maneira, no mesmo dia, com o intervallo de uma hora,  
«visitei dois sitios memoraveis, um onde nasceu, e outro onde  
«por muito tempo morou, cada qual d'estes dois homêns afama-  
«dos, contemporaneos e implacaveis inimigos. Mesmo nas recor-  
«daçoens mostram ainda a differença dos seus genios. A casa de  
«Rousseau, apesar de renovada, é pequena e humilde; a de Vol-  
«taire é um verdadeiro *chateau*, e indica a opulencia com que  
«n'ella vivia. O actual senhorio da casa de Voltaire tem conser-  
«vado, ou por gosto, ou por vaidade, a camara em que este dor-  
«mia, tal como elle a deixou quando partiu para Pariz, antes da  
«sua morte; o quarto conserva ainda toda a sua mobilia o que  
«excita ainda mais a curiosidade dos viajantes. Não ha nenhum  
«que, vindo a Genébra não visite aquella camara. Ainda que eu  
«não seja dos mais apaixonados do escriptor, porque em nenhu-  
«ma cousa me parece ter sido sincero, quiz tambem pagar o meu  
«tributo. No proprio quarto, que elle occupava, e a que já me  
«referi, ha um livro onde os viajantes tem por costume escrever  
«o seu nome. Ainda que seja para alguns mera vaidade, para  
«muitos será, não só agradavel, mas util, por que podem por esta  
«forma ter uma especie de noticias dos seus amigos. Já o expe-  
«rimentei visitando a cathedral de Strasbourg, onde encontrei no  
«livro dos viajantes o nome de meu irmão, o que me foi de  
«grande prazer. No livro de Ferney, que é novo, pois foi come-  
«çado em Junho passado, não estava ainda nenhum nome por-  
«tuguez. Lá escrevi o meu, e se algum vier depois terá noticias  
«minhas, que serão noticias da patria...»

«Berna, 15 de Agosto, 1829.»—«Depois da minha ultima, de 27  
«de Julho, datada de Genébra, tenho feito um grande giro. Diri-  
«gi-me primeiro pela Saboya ao delicioso valle de Chamounix,  
«onde admirei com o entusiasmo de que sou susceptivel os hor-  
«rores que a natureza apresenta nas immediçoens do grande co-  
«llosso do Monte-Branco. Ella mesma parece querer realçar estes  
«horros mostrando, a pouca distancia, em amenos valles, ó que  
«tem de mais aprazivel e risonho. De tudo tenho recebido impres-  
«soens taes, que penso jámais me esquecerão. Para melhor con-  
«servar a sua lembrança faço um minucioso jornal, em que es-  
«crevo todas as noites, antes de me deitar, o que vi e senti

«no dia. <sup>1</sup> De Chamounix passei ao grande Saint-Bernard, onde  
 «a natureza ainda em certo modo parece mais agreste e ingrata,  
 «e onde a religião estabeleceu a morada mais elevada da Europa  
 «para vir em soccorro ao desgraçado, que na estação de inverno  
 «tem de atravessar aquelle perigoso passo. O Saint-Bernard, como  
 «sabes, é ainda interessante pelas suas recordaçoes, que eu á sua  
 «vista teria talvez por fabulosas, se nos nossos dias a passagem  
 «de Buonaparte, não envergonhasse a de Annibal, pois que simi-  
 «lhantes arrojios sam menos para admirar em tempos em que o  
 «trem dos exercitos era muito menos consideravel do que actual-  
 «mente. Ali onde a vegetação já inteiramente cessou, e onde  
 «até a lenha tem de se ir buscar a duas e trez leguas de distan-  
 «cia, encontra o viajante uma hospedagem franca e benevola, que  
 «lhe faz esquecer todas as fadigas que passou até la chegar. Ape-  
 «zar de cansado e de ter uma boa cama, quasi não dormi em  
 «toda a noite, tal era o meu estado de excitação, e o tumulto das  
 «idéas que n'aquelle memoravel sitio me assaltavam. Bem que  
 «estivessemos em principios de Agosto, quando me levantei o ther-  
 «mometro estava a zero, e ás 8 horas, havendo bom sol, apenas  
 «marcava 1 gráu. Bastante desejava passar alli mais um dia; mas  
 «o meu plano de viagem não me permittia demora, nem mesmo  
 «tam curta. As 16 ou 18 horas que passei no Saint-Bernard, não  
 «me ham de esquecer nunca. Deixando aquella piedosa e agreste  
 «habitação, desci para o Vallais. Posso muito bem dizer que já  
 «n'um dia experimentei todas as estações do anno; pois, sahindo  
 «com o thermometro a 1 gráu, como te disse, vim pouco a pouco  
 «encontrando o calor, a par da vegetação, de maneira que, che-  
 «gando a Martigny, abrazava em calma. Dos gellos eternos pas-  
 «sava aos terrenos cultivados e a ver os fructos do nosso paiz.  
 «Depois d'esta digressão fui a Vevay, logar bem celebrado nas dis-  
 «cripçoens da Nova Heloisa. Ali a natureza, ajudada da industria  
 «humana, reúne todos os encantos. Embarquei n'um vapor e fui

<sup>1</sup> Sinto não ter presente o diario a que se refere a carta. Ignoro se existe ainda. Vê-se da correspondencia, que havia de conter particularidades curiosas. Sabe-se tambem que o general conservou toda a sua vida o costume de redigir estes apontamentos quotidianos, que necessariamente contém juizos e indicaçoens preciosas, e poderão constituir interessantes Memorias, genero de escripta hoje tam apreciado, valioso subsidio historico de que somos tão pobres ainda. Immensamente me facilitaria aquelle registo o presente trabalho, por que n'elle acharia um ecco fiel do espirito ausente. Não tive porém a fortuna de o ver, e a outros cabe julgar a conveniencia e oportunidade da sua publicação, que muito seria para desejar, e de certo importaria um bom serviço publico.

«outra vez a Genébra, para ter occasião de percorrer extensamente  
 «o famigerado lago. Passei depois a Lausanne, e continuei a jor-  
 «nada, segundo os meus projectos, para Fribourg, lagos de Mo-  
 «rat <sup>1</sup> e de Bienne, <sup>2</sup> Soleure, <sup>3</sup> até chegar enfim a esta capital,  
 «onde estou desde hontem á tarde, e onde creio me demorarei  
 «dois ou tres dias, que espero empregar na destinada visita a  
 «Hofwil, distante d'aqui duás leguas. Queira Deus que a um hu-  
 «milde viajante, sem trem, sem cartas de recommendação, e sem  
 «conhecimentos alguns no paiz, se proporcionem facilidades para  
 «bem ver e observar aquelle utilissimo estabelecimento, que ha  
 «muito desejo ver. No teu estado, e como lavrador, a relação do  
 «que eu alli colligir ha-de-te interessar muito mais do que as  
 «phantasias d'um viajante, que só, e quasi isolado da sociedade,  
 «contempla a natureza como quem n'ella encontra a unica dis-  
 «tracção que está ao seu alcance. Estou contente de ter realisado  
 «o meu desejo de ver a Suissa. Creio até que será muito util á  
 «minha saude, pois me sinto forte e vigoroso, e quasi me passou  
 «o continuo aborrecimento, que me acompanhava em Paris de-  
 «pois de fechadas as aulas, unico recreio que alli tinha. Uma só  
 «falta tenho sentido; é a de um amigo, ou, ao menos, de um  
 «companheiro. Na primeira parte da minha digressão encontrei  
 «um inglez, verdadeiro original, que me entretinha e me distrahia.  
 «Desde Lausanne porém tenho vindo só, e muito me tens lem-  
 «brado. Eis uma succinta e breve descripção do que até agora  
 «tenho feito. Bem quizera ser mais extenso, e contar-te meu-  
 «damente quanto vi e passei; mas similhante narração exce-  
 «deria os limites de uma carta. Tempo virá em que, lendo o meu  
 «jornal, melhor poderás fazer idéa d'esta viagem, se é que te-  
 «nho expressões para fielmente reproduzir tantas scenas diversas e  
 «grandiosas. D'aqui tenciono passar á alta Suissa, a que chamam  
 «Oberland, e ir a Lucerne, d'onde me parece que em 8 ou 10 dias

<sup>1</sup> Cinco leguas ao norte de Friburgo. Junto do lago, e da cidade do mesmo nome, fica o monumento da afamada victoria ganha pelos suissos em 1476. Este monumento, restaurado em 1822, substituiu o antigo ossuario.

<sup>2</sup> Ou *Biel (Bieler See)*, cantão de Berna. É decantada n'este lago a formosa ilhota de Sam Pedro, onde J. J. Rousseau esteve dois mezes recolhido em 1765.

<sup>3</sup> *Soleura*, a antiga *Solodurum*, é cidade afamada pela sua cathedral, que passa por ser o mais bello templo da Suissa, e não menos pelos seus marmores, e pela sua riquissima collecção de armas e armaduras antigas. Foi residencia dos duques de Borgonha da segunda raça, e depois cidade imperial. Uniu-se aos cantoens suissos contra Carlos, o Temerario; mas só em 1781 entrou com o respectivo territorio na confederação.

«te dirigirei outra, em que te relate novas maravilhas da natureza, «assim como os adiantamentos industriaes d'este bom povo, que «só á força de actividade póde procurar a sua subsistencia. Até aqui «tenho feito sempre o meu caminho com a lingua francesa, que «em Genébra, no Valais, e no cantão de Vaud é a predominante, «quasi se póde dizer a natural, posto que mal pronunciada. D'aqui «para diante hei de me achar em maiores difficuldades. Não obst- «tante, espero ir andando com a ajuda do meu tal ou qual ale- «mão. Assim esta te dê tanto prazer, como eu tenho tido em «escrevel-a, pois me parece que estou conversando contigo....»

«Bâle, 20 de Septembro, 1829.—«Depois que sahi de Lucerne <sup>1</sup> «dei ainda uma pequena volta pelas montanhas, e dirigi-me a «Glarus, Appenzell. e Saint-Gal. Vi a parte mais industriosa da «Suisa, e de certo é muito notavel. Considerando-a em relação a «nós, tive pejo. É com effeito para envergonhar ver a industria «tam atrazada no nosso paiz, e comparativamente tão adiantada «n'estas montanhás, onde os maiores obstaculos a impedem, não «só porque as matérias primas chegão caras aos suissos, em con- «sequencia da distancia dos pontos d'onde as precisão tirar, e da «asperesa dos transitos, mas ainda porque os productos sam no- «vamente onerados com o preço da conducção aos mercados a que «as levam. Glarus, é o centro da fabricação de chitas, que dispu- «tam com as inglezas e se extrahem para a Italia, Allemanha, «Turquia, e até Brazil. Appenzell e Saint Gal dão-se em particu- «lar a cassas (moussellines). Bâle, onde estou, faz um commercio «muito consideravel em fitas...»

«Paris, 8 de Outubro, 1829.»—«No meu regresso visitei Rô- «ville. <sup>2</sup> Este estabelecimento excedeu toda a minha expectativa, «não obstante esperar muito pela leitura que tinha feito dos An-

<sup>1</sup> A uma carta descriptiva, datada de Lucerna, se refere o general n'esta correspondencia. Sendo porém a dita carta endereçada a outro parente, para ser lida em commum, não faz parte da collecção que tenho presente. Pelo theor das subsequentes se conhece que n'ella se continham as descripções de varios pontos pictorescos, e muitas explicaçoens relativamente ao estabelecimento de Hofwil. Esta é a rasão da lacuná, que parece notar-se n'esta parte interessantissima do epistolario, espelho fiel do pensamento do illustre finado.

<sup>2</sup> Rôville-sur-Moselle, aldeia na comarca d'Haroué. O instituto agricola, de que se tracta, foi fundado pelo proprio Matheus de Dombâsle, que por esta época luctava em França contra a rotina e os preconceitos, como, pouco mais ou menos, trinta annos antes, tinham luctado em Inglaterra Arthur Young e Jethro Tull, cujas viagens, trabalhos e concelhos iniciaram os melhora-

«naes que te enviei. A instituição de Róville, sim; tem todas as condições para servir de modello. A de Fellenberg, em Hofwil, se em algum tempo o foi, hoje em dia não é mais que um collegio onde se conservam as boas theorias, creio, mas onde a pratica é insufficiente. Não sendo isto o que eu alli esperava, não correspondeu á idéa que tinha concebido, como já expuz. Tendo tu os *Annaes* de Róville, não entro na descripção de muitas particularidades, porque n'elles as encontrarás. Posso afirmar-te que nada do que Mr. de Dombásle ahi diz é exagerado; nada deriva de abstracções; tudo está posto em pratica e auctorizado com a experiencia e os factos. Dombásle é severo observador, e cada dia augmenta os ramos de que póde tirar algum proveito. Quando visitei o estabelecimento, e pude verificar a exactidão de todas as suas doutrinas e observaçoens, admirei estar ainda tam pouco acreditado o seu systema. Mal o conhecem sequer os seus mesmos compatriotas, e digó que mal o conhecem, por que tenho fallado com muitos francezes que nem sabiam de semelhante coisa. O curso agricola é pouco seguido, por que apenas encontrei lá dezeseis estudantes, ou antes observadores, que todos eram homens feitos. Estes, já senhores das theorias, estavam alli só para aprenderem pela experiencia a regularidade económica, e a distribuição do trabalho. Entre esses observadores, ou discipulos, encontrei trez egypcios. Similhante circumstancia, maravilhando-me primeiro, humilhou-me depois, por ver nações, a que indiscretamente chamamos barbaras, precederem-nos por este modo, e com esta diligencia, nas pesquisas da civilisação activa. Extranhei tambem não ter o governo francez auxiliado o sabio agronomo, que, n'uma fazenda arrendada, e administrando bens d'uma sociedade, não tem ao seu alcance tentar e executar quanto quer, e de quanto é capaz. Todavia, para sua gloria, basta o que já tem feito, tornando fructifero um terreno pedregoso e arido. É na verdade para admirar, e estou certo que, com o tempo, da sua mesma industria tirará os meios de que hoje se vê privado. Não conheço

mentos, que levaram a agricultura ingleza ao ponto de elevada prosperidade em que hoje se acha. A granja experimental de Róville era então, a bem dizer, um introito, e o primeiro passo no caminho, que, de progresso em progresso, tem levado aos magnificos resultados, que por toda a parte se propagam, e que, actualmente, sob um illustrado impulso, se compendiam com intelligente actividade no dominio imperial de Fouilleuse. Em Róville celebra-se ainda annualmente uma festa rural. A sua fabrica de instrumentos aratorios deu fama á terra, e o nome de Dombásle, popularizado entre nós recentemente, é com justiça venerado por todos os bons aggronomos.

«actualmente estabelecimento algum que tanto prometta, nem  
 «systema agrícola de tanta vantagem a um paiz. Os discipulos  
 «que vi em Róville sam, como já disse, homens feitos, e quasi  
 «todos proprietarios abastados. Estes não duvidam pegar na ra-  
 «dica do arado. Semeam, e aprendem o uso manual de todos os  
 «instrumentos, pãra ensinar os seus criados, quando nas pro-  
 «prias fazendas quizerem empregar aquelles instrumentos. Alli  
 «nãda ha occulto, tudo se explica, e Mr. de Dombàsle, admitindo  
 «quaesquer duvidas e objecçoens, já sobre o seu systema, já so-  
 «bre a applicação nos differentes terrenos e climas, põe a todos  
 «em estado de colherem incalculavel fructo do tempo que passão  
 «na instituição. Sobre instrumentos pouco posso dizer, por que  
 «não tenho a intelligencia pratica d'elles. Pareceu-me porém  
 «excellente a sua charrua... Estou persuadido que um bom la-  
 «vrador, despido de prejuizos, poderá com facilidade e pequena  
 «pratica achar o modo de a dirigir. Além d'isso é tam barata,  
 «que mesmo sómente por curiosidade se poderia ter. O seu preço  
 «em Róville é de sessenta francos, e penso que outros sessenta  
 «bastariam para o transporte até Lisboa.....

.....  
 «Tambem gostei muito da sua machina de debulhar, de que me  
 «fizeram muitos elogios, e que me pareceu commoda pelo pouco  
 «espaço que occupa. Seria talvez boa especulação estabelecer em  
 «Portugal uma, em sitio de colheitas de pão, para debulhar para  
 «os visinhos, á maneira dos nossos lagares de azeite. Á vantagem  
 «de poupar braços e forças reune maior producto, e mais lim-  
 «peza no trigo. É certo que não quebra a palha, como no tra-  
 «balho feito a bois, e que a palha é de muita necessidade onde  
 «ha pouco feno; mas um engenho de cortar, que custa uma ba-  
 «gatella, suppre bem esta falta. O engenheiro que fez a machina  
 «de Róville tem-a hoje aperfeçoado muito, diminuindo-lhe ao  
 «mesmo tempo o custo. Disseram-me que, importando as pri-  
 «meiras mil e quinhentos francos, o preço hoje é de seiscentos a  
 «oitocentos, de maneira que entre mil e quinhentos a dois mil  
 «se pode pôr uma em Lisboa...»

II

Note-se que estas cartas tem a data de 1829. A renascença litteraria apenas vinha arraiando ao longe. Ainda a luz da sciencia não tinha aqui baixado ao povo em trevas. Havia para tudo um só código — a tradicção. Era esta como o santuario di-

vinisado por um respeito supersticioso. Na arca sancta não se punha mão temerária... sem risco de a ver seccar.

Dera o longo abatimento á immobillidade a omnipotencia. A doutrina dos *interesses materiaes*, popular hoje, era por esses tempos, visinhos e já quasi nebulosos, uma cousa ignota e sem sentido — talvez heretica e monstruosa!

Começa agora a florescer a planta; escondia-se então em germe sob o solo. Sem embargo, o thema difficil, que só depois de tão longo e turbulento noviciado poudo ser vertido na lingua-gem politica, — e ainda ás vezes anda invertido — previa-o, como é patente, o bom senso e o esclarecido patriotismo de um homem, sincero e modesto, que mais sabia prestar do que ostentar — defeito grave nos nossos dias!

Está esta correspondencia dizendo como o fomento não é invenção tão moderna qual se presume. Poem ella uma ruga, de ao menos trinta annos, n'esse inculcado prototypo de juventude, que disfarça as injurias da idade, burnindo-se e alfenando-se como um casquilho provectoro.

Utilisava assim José Jorge Loureiro a emigração. Os nomes as cousas e as idéas, que só actualmente vão tendo alforria e entrando na circulação, eram-lhe já familiares. As innovações e adiantamentos, de que se ufana a ultima década, occupavam já o periodo estivo do veterano, que de cançado se encostou no tumulto!

Ai! tanto tempo perdido em revoltas para alternar ministros!

Com ouvir as lições dos homens, então eminentes nos mais uteis ramos de sciencia, não se dava ainda por satisfeito aquelle espirito, a quem o ocio era insupportavel tédio. Fixando-se outra vez em Pariz, cuidou em fortalecer e accrescentar com o peculio de continuas observações os seus estudos militares, que, apesar de outros tentames, nunca desamparára. Para isso visitou novamente as escollas e instituições especiaes, onde cada melhoramento ia passando pela dupla consagração da doutrina e da experiencia. Aperfeçoou-se ao mesmo tempo no allemão, que principiára a cultivar na época da sua residencia no Norte, e cujas lembranças avivára na recente perigrinação. A sua actividade sem apparatus achava sempre occupação proveitosa.

### III

De continuo estudando, de continuo investigando e aprendendo, chegou-lhe o anno memoravel de 1830.

Conservara-se o foragido constantemente affastado de toda a

politica, è só applicado a cursar as suas aulas e a completar a sua instrucção. Não era de certo indiferença, nem prostração moral, nem tibieza de fé, provou-o bem: era natural esquivança de genio, ou, ainda mais, secreto convencimento de não ser chegada a hora de voltar á acção.

A hora porém aproximava-se rapidamente. A influencia reaccionaria na Europa tinha os seus dias contados. Os mesmos esforços para se consolidar lhe precipitavam a queda.

Appareceram em França as famosas ordenanças de Julho. A commoção d'este lance, — em que se tentava decapitar a imprensa, palladio da constituição, — abalou profundamente todas as classes, e levou a turbação até á paz dos Atheneus. Supprimiam a palavra legal; retumbou o verbo da revolução. Julgaram calar o povo, o povo explicou-se pela voz das espingardas — extremidade perigosa!

Os tres dias de Pariz, foram em breve seguidos dos quatro dias de Bruxellas. Estava completa a semana da liberdade! Entrava-se em novo periodo. As instituições constitucionaes resurgia a esperanza, e clareava outra aurora.

Para os liberaes portuguezes a gloriosa expedição da Terceira já tambem inaugurára a victoria. O combate de 11 de Agosto do anno antecedente tinha hasteado em frente da nação o pendão auspicioso. O lábaro sancto, gloriosamente mutilado, ali ficára firme no meio dos temporaes, como o rochedo que lhe servia de base. N'elle se fitavam com ancia os olhos, a elle voavam alvoroçados os corações dos oppressos.

Estremecéu o desterrado mal o bafejou esta aragem, que vinha do oceano, sacudindo o entorpecimento dos espiritos com o vivo frescor matutino. Era a oportunidade. Chamava-o emfim a vida. Que vida!

Antes d'isso, porém, observemol-o ainda n'uma circumstancia notavel.

Não é indifferente a occasião para estudarmos aquelle character, singularmente reportado no meio das maximas efervescencias!

#### IV

José Jorge Loureiro assistiu á lucta formidavel da capital da França; foi expectador e testemunha d'aquelles acontecimentos, que tem hoje a grandeza de uma epopéa. Approveitariam muitos o ensejo para engrandecimento proprio. Quer ver o leitor com que singelleza participa para Lisboa a grande convulsão, que nas ruas de Paris prostrara o colosso absolutista, e atara de novo o fio dos tempos?



«París, 2 de Agosto de 1830 — A revolução que houve aqui a semana passada está de todo acabada pelo que diz respeito a París; e n'um ambito de 20 leguas em circunferencia tudo entrou na ordem e quietação. O ministerio Polignac, depois de ameaças e hesitaçoens, deu o seu promettido *coup d'état*. Segunda feira passada, 26 de Julho, sahiram as ordenanças, que supprimiam a liberdade de imprensa, dissolviam a camara novamente eleita, e annullavam a lei das elleiçoens, determinando outro methodo de se proceder a estas. O desgosto que esta mudança causou foi logo patente e muito geral. N'esse mesmo dia principiaram a haver ajuntamentos. Alguns periodicos continuaram a apparecer, protestando contra as ordenanças, que elles chamavam destruidoras da carta. Todavia, o socego n'esse dia não foi muito perturbado. No seguinte, repetição de maiores grupos, e uma inquietação que bem indicava a crise proxima. Obrigaram a tropa a fazer fogo sobre os ajuntamentos, os quaes em vez de se dispersarem, mais augmentaram. Finalmente, na quarta feira, vieram os partidos ás mãos. O povo provido com as armas tiradas aos espingardeiros, e outras, atacou a tropa da guarnição. No dia immediato repetiu-se com obstinação o ataque, e as tropas principiaram a ceder. Alguns regimentos de linha recusaram atirar sobre o povo, e requereram entrar nos quartéis. Este facto decidiu o commandante de París a retirar-se, o que já não poudo fazer em ordem, e n'esse mesmo dia se evacuou toda a capital. O rei, ou o ministerio, não querendo ceder acha-se hoje fugido. O duquê d'Orleans está nomeado logar tenente do reino até as camaras, que se devem reunir amanhã, proverem sobre a futura sorte do throno. Eis em resumo os acontecimentos da semana passada.»

Com que sobriedade e frieza de animo narra o tremendo conflicto!

Foi sempre assim — impassivel nas maiores conflagraçoens, parco de enthusiasmos ruidosos, e nem uma palavra de si! Sem embargo, n'esta conjunctura a sua quasi avareza de observaçoens ácerca de successo tamanho em si, tam importante nos resultados, e tam significativo e consequente para os liberaes, deve causar justas extranhezas. Uma circumstancia a explica.

O exul, cultor fervoroso dos novos principios, victima d'elles, com os olhos na patria, não ignorava de certo o alcance da revolução, media-lhe as probabilidades, e não podia ser indifferente ás promessas e esperanças do inflammado astro dos tres dias. Mas as reflexoens confiadas ao papel eram perigosas para quem

as recebia no regime que por essa época dominava em Portugal. O sigillo das cartas não merecia então os respeitos nem assombrava os escrupulos. As correspondencias, que, em tal situação, viessem de Pariz estavam, mais do que nenhuma, sujeitas á operação expurgatoria, e expunham os seus destinatarios a um recrudescimento de rigor, que fazia tremer, a perseguições e violencias, que eram muita vez total ruina!

Compreende-se facilmente que o expatriado suffocasse os seus sentimentos para não comprometter a sua familia. É não só natural, senão evidente. D'estes sentimentos, a custo contidos, acha-se um claro indicio na phrase da carta: «o rei, ou o ministerio, não querendo ceder, acha-se hoje fugido.» Não se descobre aqui a intenção secreta, uma applicação, como involuntaria, ás pertinacias do absolutismo no reino encadeado?

## V

Vamos vel-o agora, recingindo a espada, tanto tempo suspensa! Vel-o-hemos inscrever com o seu sangue um nome, que ficará memorado nos fastos de feitos prodigiosos!

Até aqui o longo aprendizado; agora o prestante desempenho. Toda a vida de homem tem as suas estações, como a das plantas. Deixâmos a estação da cultura; entrâmos na estação dos fructos!

MENDES LEAL JUNIOR.

---

**AMOSTRA DE UMA TRADUÇÃO**  
**PARAPHRASTICA**  
**DO REMEDIO DO AMOR, DE OVIDIO,**

DEDICADA

AO GRANDE POETA LYRICO

**José da Silva Mendes Leal,**

PELO

Seu amigo e consocio

**A. F. DE CASTILHO.**

**REMEDIO DO AMOR**



**Principio do Canto I.**

D'este livrinho o titulo  
no alto da branca pagina  
tinha estampado apenas,  
quando nos ares subito  
sôa um fragor de pennas ;  
ólho, diviso Amor.

Do mundo o infante despota,  
que o gira de continuo,  
que tudo espreita e nota,  
e a cuja vigilancia  
não ha perfidia ignota,  
leu ; pasma, arde em furor.

— « Guerra ! — exclama — «preparam-me guerra !  
«Um cantor temerario presume  
«destruir meu imperio na terra,  
«quando em céos té de numes sou nume ! » —

«Cupido» — lhe respondo reverente —  
 «de tão atroz sacrilego attentado  
 «não crimines um vate obediente,  
 «a quem mil vezes teus pendões has dado,  
 «e que sempre fiel ao teu commando.  
 «viste nas lides tuas militando.  
 «Por quem me tomas tu?! ; sou eu Diomedes,  
 «esse furioso, cuja cega lança  
 «(que horror!) no meio da feroz batalha  
 «a ferir a mãe tua se abalança?  
 «Ah! supponho-a estar vendo!: horrorisada  
 «salta ao coche de Marte,  
 «e maldizendo ao barbaro lá parte  
 «do orbe vil para a olimpica morada.  
 «D'outros o coração em giro alterno  
 «revesa tempos de calor e frio:  
 tem primavera, e estio,  
 «palido outono, e regelado inverno;  
 «o meu, não; amou sempre; e mesmo agora,  
 «queres saber, em que se imprega? adora.  
 «Inda mais: ; não fui eu, quem de alcançar-te  
 «compuz, cerrei n'um codigo, os preceitos?  
 «e os que antes só do instincto eram effeitos,  
 «não são hoje por mim dictames de arte?  
 «Essa arte minha glória, e tu mimoso  
 «gentil menino de minha alma incanto,  
 «eu trahir-vos!! (Pensal-o até não ousou)  
 «renegaria a musa o proprio canto?!

«Quem ama a seu contento, é fortunoso;  
 «deixe-se ir no seu rumo ao som do vento;  
 «mas quem gemer em jugo vergonhoso,  
 «venha salvar-se; refloril-o intento.

«Podes tu ver um terno delirante  
 «dispor n'uma alta viga o proprio laço?  
 «pedir remedios ao veneno, ao aço?  
 «tu, meu Cupido, tão gentil e amante?

«Aquelle que teimando morreria,  
 «não teime; quebre o infando captiveiro;  
 «o teu cantor do teu altar desvia  
 «sacrificios de sangue, ó deus fagueiro.

«Tu não és um verdugo, és um menino ;  
 «só condiz o brincar á tua idade ;  
 «brinca, e teu roseo sceptro purpurino  
 «só prazeres diffunda á humanidade.

«Arco sim tens na mão, carcaz á cinta ;  
 «mas não no pejas com farpões de morte ;  
 «crua lança, ignea espada em sangue tinta,  
 «que as leve o teu padraſto, audaz Mavorte.

«Tu só te exerce na materna guerra ;  
 «guerra sem risco, aos corações tão cara,  
 «que não despoja as mães, não erma a terra,  
 «mas a povôa, e festas lhe prepara.

«Influe, para dar gloria ás raparigas,  
 «que a surda porta, a preces despiedada,  
 «incontrões soffra de nocturnas brigas,  
 «e amanheça de flores coroada.

«Á tímida donzella, ao guapo amante,  
 «infunde ousio, com que a furto apertem  
 «laços teus ; e a seu Argos vigilante,  
 «zelos, çautellas, tramas desconcertem.

«Timbra em ouvir exclusivo namorado,  
 «ora exalar requebros e blandicias,  
 «ora romper em subitos de infado,  
 «ora carpir-se em cantos de delicias.

«Lagrimas d'estas, muito embora as queiras ;  
 «mas d'estas só, meu trefego muchacho ;  
 «para atearas lugubres fogueirás  
 «não é que a amavel mãe te accende o facho.»—

As azas fulgidas,  
 Amor ouvindo-me,  
 bateu feliz :

—«Approvo o intuito ;  
 «saia esse cantico !  
 «Serves-me.»— diz.

Vós, que Amor enganou, sempre, e de toda a parte,  
Vinde agora aprender nova infallível arte.  
Ensinei-vos a amar, de amar vos livrarei;  
d'onde houvestes o mal, a cura recebei.  
Venenos e triaga a mesma terra cria,  
e ás vezes faz a hortiga ás rosas companhia.  
Como a lança Achilêa, ao que feriu, curou,  
se vos agrilhoei, apto a soltar-vos sou.

Pertence a qualquer sexo, o que eu dictar ao nosso;  
armal-os por igual, devo, desejo, e posso.

Se algo do que eu disser alheio ás damas fôr,  
como exemplo, talvez, lhe encontrarão valor.

*(Continúa.)*



## A LIGA DAS ALFANDEGAS PENINSULARES

(Continuado de pag. 140.)

O que é altamente absurdo, é resumir a formula da protecção no imposto exagerado, ou na prohibição, que excluem toda a concorrência estrangeira, que suffocam a emulação, e não promovem senão o estabelecimento do monopolio principalmente nos pequenos paizes, em que o consumo interior não póde fornecer largo campo para que a concorrência corrija os inconvenientes da exclusão dos productos estrangeiros.

Se é sempre absurda e inconveniente esta formula exclusiva do systema protector, sóbe de ponto, quando se applica entre dois povos vizinhos e que se acham quasi em identicas circumstancias naturaes e animados das mesmas faculdades productivas, como acontece entre Hespanha e Portugal.

Admittamos por hypothese que as artes industriaes em Hespanha e Portugal se achem ainda no periodo em que a protecção é necessaria; mas esta circumstancia não nos authorisa a asseverar que a industria portugueza possa prejudicar a hespanhola, nem que esta affecte os justos interesses dos nossos fabricantes, ainda que os productos industriaes de ambos os paizes concorram livremente aos mesmos mercados. Para proteger uns contra a concorrência dos outros, dá-se a mesma razão que existe para proteger a industria do Porto contra a de Lisboa, e vice-versa: ou uma fabrica contra outra.

Dentro da península e nas vastas possessões de ambas as monarchias que têm n'ella assento, a verdadeira protecção para a sua industria está no alargamento do campo de consumo para os seus productos; está em abrir a Hespanha aos productos portuguezes e Portugal ás mercadorias hespanholas.

São incalculaveis as vantagens que d'aqui resultariam para os trabalhadores da península. Em primeiro lugar uma grande actividade commercial procuraria largo consumo aos productos de ambos os paizes, assegurando aos industriaes o emprego productivo das suas faculdades. Em segundo lugar a concorrência interna, notavelmente acrescentada, estimularia os productores no aperfeiçoamento do seu trabalho, e n'esta lucta pacifica se robusteceria a industria com vantagem reciproca de productores e consumidores, acrescentando a riqueza publica, a força e gloria dos dois estadós peninsulares.

Quaes sao as industrias em Portugal que se possam arrecear das suas similares do reino visinho? Não podem ser senão aquellas cujas similares tenham chegado em Hespanha a tal estado de robustez, que as habilite para satisfazer o consumo de todo o paiz ou ainda para alimentar a exportação com vantagem para os productores e para o commercio, e em nenhum caso aquellas, que, apezar da exagerada protecção que as favorece, deixam ainda margem para larga importação de productos estrangeiros, analogos ou semelhantes aos que produzem.

Se lançarmos a vista para o quadro geral do commercio exterior de Hespanha em qualquer dos annos proximos, por exemplo para o de 1854, veremos que, nas alfandegas d'aquelle reino, se despacharam para mais de 42 milhões de reales de tecidos de lã; perto de 28 milhões de tecidos de algodão; mais de 24 milhões de tecidos de seda, e ainda mais de 13 milhões de tecidos de linho. Não são portanto as manufacturas dos tecidos portuguezes que podem recear da producção hespanhola n'estes generos; e esta ainda menos deve temer a concorrência dos productores portuguezes, porque os nossos mappas estatisticos das alfandegas denunciam uma introducção comparativamente superior dos mesmos artigos. Podem-nos dizer que a importação dos artigos mencionados, tanto em Portugal como em Hespanha, consiste principalmente em artefactos finos ou superiores, que são os que se não produzem na península; mas ainda que assim seja, o que não é completamente verdade, a mesma conclusão subsiste, por que a Hespanha e Portugal consomem tudo o que fabricam n'estes generos e nada exportam, e não nos podem negar que todos vemos no consumo geral uma grande porção de tecidos ordinarios de lã, seda, algodão e linho de fabricação ingleza, franceza e allemã.

Assim o que na nossa península iberica falta não são os consumidores



de tecidos, são os bons productores ou as condições de boa e economica producção.

As industrias metalurgicas em Hespanha estão seguramente mais adiantadas, em certas especies, do que em Portugal; pelo menos os estabelecimentos metallurgicos avultam alli consideravelmente mais ao norte da península; porém, apesar d'isso, ainda em 1854 a importação das machinas em Hespanha foi superior a 25 milhões de reales. As nossas fundições e serralharias mechanicas não devem temer a concorrência hespanhola, e antes pelo contrario podem com razão esperar augmento do consumo para os seus productos, não só pelo augmento da navegação a vapor, pelo incremento das outras industrias e da agricultura, mas até pela collocação certa e segura de muita ferramenta e instrumentos de trabalho, que as provincias limitrofes hespanholas carecem e que mais facilmente podem receber das fundições de Lisboa e Porto do que do norte da Hespanha,

Póde-se discorrer do mesmo modo em relação a todos os outros ramos de producção industrial, que, na grande generalidade, nem se acham mais desenvolvidos, nem disfructam condições mais favoraveis em Hespanha do que em Portugal.

Não póde por conseguinte a industria ser prejudicada com a liga das alfandegas, antes pelo contrario deve esperar da realisação d'este pensamento grandes vantagens e rapido desenvolvimentó.

No que respeita especialmente á agricultura, já em outro lugar mostramos que, sendo as nossas producções quasi identicas ás do territorio hespanhol, analogas as condições naturaes do sólo e do clima, e semelhantes os methodos de trabalho, os habitos, educação e propensões dos trabalhadores, deviamos antes ser considerados como um unico povo agricultor, cujos interesses, sendo os mesmos, se deviam fortalecer pela união. N'este caso a uniao commercial deve produzir os mais prosperos resultados, procurando alcançar, por meio de tratados com as outras nações, largo e seguro consumo aos productos agricolas de ambos os paizes, como se foram de uma só nação. Então cada região agricola da península se destinará ás producções que lhe sao mais apropriadas e os cultivadores se dedicarão especialmente a desenvolver-as e aprimoral-as, sem que se vejam obrigados pela necessidade a pedir á terra outros generos que ella não póde senao escassamente produzir.

Se a liga das alfandegas não póde affectar senao favoravelmente a producção industrial e agricola de ambos os paizes, vejamos agora se se póde dizer o mesmo em relação ao rendimento do Estado.

A questao debaixo do ponto de vista fiscal torna-se mais complexa, por que a sua resolução depende das condições com que fôr redigido o tractado da união das alfandegas.

Em todos os tratados d'este genero ha duas condições essenciaes a que é necessario satisfazer, e que lhe servem de base.

1.º Tarifa commum para os direitos de importação e exportação em ambos os paizes.

2.º Divisão equitativa do rendimento ou do producto dos direitos cobrados nas alfandegas.

Em quanto á primeira, vistas as differenças que existem nas taxas com que os generos identicos se acham onerados nas pautas portugueza e hespanhola, bem claro é, que, para as uniformizar, é necessario ou elevar ou reduzir os direitos desiguaes para os trazer ao mesmo nivel. N'este ponto para nós é indubitavel que o mais conveniente seria o proceder ao nivelamento por meio de redução, pelo menos na maior parte dos casos, satisfazendo d'este modo ás indicações da sciencia e á tendencia geral dos espiritos, que na presente época se pronunciam desassombadamente pela liberdade do commercio.

A recente reforma das nossas pautas, ainda que bem incompleta e pouco harmonica, segue já esta tendencia, e os esforços dos publicistas hespanhoes agitam favoravelmente a opinião publica no mesmo sentido. Assim, em ultimo resultado, alcançaremos consideravel diminuição nas tarifas que, favorecendo os consumidores, actuará vantajosamente sobre o commercio, dando-lhe mais actividade e extensão, e produzindo consequentemente maior rendimento para o fisco, não só pelo incremento do consumo, mas tambem pela deminuição do contrabando.

Pelo que respeita á segunda parte, isto é a divisão do rendimento, não somos de opinião que se adopte o principio que regula a divisão dos rendimentos das alfandegas allemãs que constituem o Zollverin, principio aliás justo e unico admissivel n'aquella confederação, pelo numero, distribuição geographica, e mutuas relações dos Estados que a constituem, mas que entré nós não tem a mesma razão de ser, e que, a adoptar-se, traria consigo complicações desagradaveis e embaraçosas, e poderia occasionar serias desintelligencias entre as administrações dos dois paizes.

Não devemos occultar que ainda hoje existem, infelizmente, entre o povo portuguez e o povo hespanhol, certas preoccupações e susceptibilidades, que datam das nossas antigas desavenças, e que apezar de serem na presente época destituidas de fundamento, são comtudo um facto moral, que não póde deixar de ter-se em conta, quando se trata de estreitar as relações entre os dois povos, para as não agravar, ou antes para as anular e fazer substituir por mutua e reciproca confiança e sympathia. Para conseguir este resultado é absolutamente indispensavel que reine a mais completa independencia na administração dos dois paizes.

A divisão dos rendimentos feita proporcionalmente á população da península requer, em primeiro lugar, uma estatística exacta, um recenseamento rigoroso e feito pelo mesmo systema e com a mesma auctoridade, o que, se não é impossivel, é extremamente difficil; em segundo lugar, exige a fiscalisação mixta em todas as alfandegas, o que duplicaria a despeza, e seria muito oneroso para Portugal, que se veria obrigado a ter fiscoes, em todas as alfandegas de Hespanha, muito mais numerosas do que as de Portugal.

Qualquer que fosse o methodo de arrecadar, fiscalisar, contar e distribuir a final os rendimentos de todas as alfandegas da península, por mais perfeito que fosse, a não ser authomatico, não seria isento de complicações, desconfianças e até rivalidades prejudiciaes á boa harmonia, franca e leal amisade, que nos deve unir aos nossos visinhos.

Se em vez da divisão proporcional á população se adoptar o principio da completa independencia, isto é, *que os rendimentos recebidos em cada alfandega pertencem ao paiz em que essa alfandega se acha situada*, chegaremos a um resultado justo e livre de todas as complicações. Se a população de Portugal é igual á quarta parte da população de Hespanha, tambem os nossos portos, susceptiveis de serem frequentados pelo commercio estrangeiro, são proximamente eguaes á quarta parte dos portos de Hespanha, comprehendendo as grandes communicações que, atravez dos Pyreneus, a ligam com a França. Se nós possuimos o melhor porto da península, em compensação d'esta vantagem os nossos visinhos têm magnificos portos sobre o Mediterraneo e sobre o Oceano Athlantico, e pelas vias-ferreas estão em communição directa com a França, em quanto nós olhamos unicamente para o Athlantico; por isso não podemos ser suspeitos de querer tirar vantagens excepcionaes da nossa posição maritima.

Da applicação d'este systema de independencia resultaria necessariamente grande emulação entre as administrações dos dois Estados, tendente a melhorar os seus portos, o serviço das suas alfandegas e finalmente a promover todas as commodidades possiveis para atrahir o commercio cada um ás suas respectivas praças. D'aqui grande progresso que reverteria todo em beneficio geral.

Não será facil no presente momento calcular, nem ainda aproximadamente, o grande incremento que deve produzir nos rendimentos publicos de ambos os reinos a adopção da liga das alfandegas, pelo menos não estamos nós em posição de effectuar esse calculo, cujos dados são numerosos e complexos; porém não podemos duvidar de que haverá augmento e augmento importante, ainda que outro não seja senão aquelle, que ha de vir do augmento do consumo proveniente da reduccão dos direitos, e da grande extensão que o commercio deve to-

mar pelo simples facto da liberdade das transacções entre os dois estados.

As relações commerciaes de Hespanha e Portugal com as outras nações não podem ser de modo algum prejudicadas com a liga das alfandegas peninsulares. Este facto não pôde trazer diminuição nas importações e exportações que actualmente se effectuam na península, e não podemos aqui deixar de observar ao *Commercio de Alicante* que nos parece menos justa a sua asserção, quando diz que a parcialidade de Portugal para com a Inglaterra é o maior obstaculo á união mercantil dos dois paizes. As relações commerciaes entre Portugal e Inglaterra não são hoje determinadas por sympathia particular, nem pelas ligações politicas d'estes dois povos, são a consequencia natural da necessidade que ambos têm de trocar os seus productos, e regem-se unicamente pelas leis economicas, sem dependencia alguma de outros quaesquer principios ou sentimentos. A liga, como nós a intendemos não pôde de modo algum ser prejudicial aos interesses do commercio inglez, antes se nos affigura que lhe deve ser extremamente vantajosa. Uma das grandes bellezas da união commercial, que tanto temos a peito, hespanhoes e portuguezes, está em que ella não pôde prejudicar nenhuns interesses legitimos, e ha de ser a todos proveitosa.

Setembro de 1860.

J. PIMENTEL.

Eschataros então estas linhas, que pomposamente alchamamos de chronica, e que mente ao titulo como qualquer ministro ao seu programma, lechamos repetimos, com uma breve analyse da gravura que hoje illustra a Revista Contemporanea. A gravura é obra de um artista n'este jornal, mas de um artista bem conhecido dos nossos amadores de pintura. É do sr. Christiano. Apresenta o Castello de Leria, e sem fallar a verdade da copia soube realçar-lhe as bellezas. A gravura é a reprodução de um quadro do mesmo sr. Christiano que adora já a galeria do rei-artista. É fácil de adveinhar o brilhante effeito do quadro recordações de Leria, observando attentamente o espelho com que brindamos os nossos assignantes, para quem conhecer o vigor do colorido que realça o pincel do sr. Christiano.

## CHRONICA

Resta-nos apenas uma pagina para a chronica. N'este espaço é-nos impossivel dar aos leitores a resenha dos acontecimentos do mez. Ainda que transformassemos a chronica n'um simples noticiario não lograríamos tal intento. Julgamos portanto que o mais acertado é addiar as novas litterarias para o numero seguinte. Temos um livro para recommendar e um romance para apreciar. Mas, livro e romance, são ambos valiosos e reclamam detida analyse. Os nomes dos auctores obrigam a isso. Fiquem! pois os dois juizos criticos, addiados, ainda que não sympathisamos com os addiamentos apesar de estarem em voga. Resignamo-nos todavia. As conveniencias jornalisticas obrigam-nos a imitar as conveniencias politicas. É verdade que estas conveniencias nascem sempre da falta de trabalhos, e aquellas foram resultado da abundancia de obras. As duas ou tres paginas de que ficou privada a chronica não prejudicaram o leitor que em compensação ganhou outras que as resgatam brilhantemente. Para dar lugar a mais algumas paginas de Castilho, Mendes Leal ou Camillo Castello Branco, é que faltou o espaço ao chronista. E ha de o leitor zangar-se com elle por isso? De certo, que não; ha de até agradecer-lh'o.

Fecharemos então estas linhas, que pomposamente alcunhâmos de chronica, e que mente ao titulo como qualquer ministro ao seu programma, fechamos, repetimos, com uma breve analyse da gravura que hoje illustra a *Revista Contemporanea*. A gravura é estrêa de um artista n'este jornal, mas de um artista bem conhecido dos nossos amadores de pintura. É do sr. Christino. Representa o *Castello de Leiria*, e sem faltar á verdade da copia soube realçar-lhe as bellezas. A gravura é a reproducção de um quadro do mesmo sr. Christino que adorna já a galeria do rei-artista. É facil de adivinhar o brilhante effeito do quadro *Recordações de Leiria*, observando attentamente o esboço com que brindamos os nossos assignantes, para quem conhecer o vigor do colorido que realça o pincel do sr. Christino.

ERNESTO BIESTER.